



Universidade do Minho



Percursos do Movimento de Transição em Portugal

**Relatório produzido pela equipa do projeto COMPOLIS -
Comunicação e Envolvimento Político com Questões Ambientais**

Maria Fernandes-Jesus, Anabela Carvalho, Lúcia Fernandes & Sofia Bento

**Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia -
(EXPL/IVC-COM/1717/2012)**

**CECS, Universidade do Minho
SOCIUS, Universidade de Lisboa**

Agosto, 2015

Introdução

No âmbito do projeto de investigação “COMPOLIS – Comunicação e Envolvimento Político com Questões Ambientais”, que decorreu entre agosto de 2013 e dezembro de 2014, procurou-se compreender a relação entre as práticas de comunicação e o envolvimento com questões ambientais. Especificamente, analisou-se a forma como as alterações climáticas e outros problemas ambientais são tratados e debatidos nos documentos políticos oficiais, nos media, nos movimentos sociais e também pelos próprios cidadãos. No presente relatório focar-nos-emos na tarefa 3 do projeto, que se centrou no estudo do envolvimento no Movimento de Transição em Portugal.

De forma geral, o Movimento de Transição visa capacitar as comunidades para lidar com as alterações climáticas e o pico do petróleo, através da diminuição do uso de combustíveis fósseis e da construção de resiliência ecológica nas comunidades (Hopkins, 2008¹). O Movimento de Transição surgiu em 2006, em Totnes, no Reino Unido, e desde então tem vindo a expandir-se internacionalmente. A rede internacional denominada de *Transition Network* (TN) (www.transitionnetwork.org) reportava a existência de 1196 Iniciativas de Transição (ITs), a novembro de 2014. Em Portugal, o Movimento começou a dar os primeiros passos em 2010, e à semelhança do panorama internacional, tem tido um crescimento significativo em termos de número de ITs. A primeira IT surgiu no distrito do Porto, em Paredes, e foi registada na TN em Abril de 2010. Em Maio de 2015, o número de Iniciativas inscritas na TN era de 22 (TN, 2015). A acompanhar a emergência e o desenvolvimento das iniciativas surgiu a Plataforma da Transição em Portugal, que pretende representar pessoas, coletivos e iniciativas portuguesas motivadas pelo alicerce da Transição e representar a TN no país (<http://transicaoportugal.net/sobre-nos/a-nossa-historia/>). Nesta rede nacional estão incluídas as ITs inscritas na TN bem como outras: Aveiro em Transição (Aveiro), Famalicão em Transição (Braga); Eco-Aldeias de Janas (Sintra); Olivais Encarnação (Lisboa), São Luís em Transição (Odemira) (<http://transicaoportugal.net/>).

De forma sucinta, o projeto COMPOLIS procurou compreender as visões, perspetivas e experiências de envolvimento de vários atores (fundadores/facilitadores e habitantes) no Movimento de Transição em Portugal. As entrevistas individuais foram o principal método utilizado. Para além disso, analisámos práticas de comunicação através de alguns documentos, essencialmente *online*, produzidos pelas ITs. Membros da equipa do COMPOLIS participaram em várias reuniões e

¹ Hopkins, R. (2008). *The Transition handbook: From oil dependency to local resilience*. Totnes: Green Books.

encontros organizados pelo Movimento de Transição, incluindo: Encontro nacional das ITs, em Linda-a-Velha, a 14-15 setembro 2013; Curso das ITs, em Coimbra, a 8-10 novembro 2013; reunião Convergência de Permacultura; Portugal em Transição, no Fundão, a 25-26 outubro 2014, entre outros. Adicionalmente, entre 2013 e 2014, elementos do COMPOLIS participaram em várias atividades desenvolvidas pelas ITs (ex: almoços e jantares comunitários, *workshops*, reuniões mensais, sessão de debate sobre moedas sociais, etc.). A participação nestes eventos permitiu uma observação próxima das dinâmicas do movimento a nível local e nacional.

Com este relatório pretende-se apresentar e discutir alguns aspetos que poderão ser relevantes para as ITs e para o público em geral. Para além disso, encontramos-nos a preparar textos para publicação em revistas científicas, nacionais e internacionais, onde abordaremos alguns aspetos de forma mais aprofundada. Em termos de estrutura, o presente relatório está dividido em três partes. A primeira parte tem como foco a perspetiva dos facilitadores/fundadores das ITs. A segunda é dedicada à perspetiva da comunidade local, isto é, de habitantes participantes das iniciativas de Coimbra e Aldeia das Amoreiras. Nestes locais, estivemos presentes por um maior período de tempo e pudemos acompanhar a dinâmica do grupo e algumas das atividades desenvolvidas. Por fim, na terceira parte, apresentam-se algumas recomendações e conclusões finais.

Parte I - As Iniciativas de Transição na perspetiva dos fundadores e/ou facilitadores

Para a análise do Movimento de Transição em Portugal, foi necessário estabelecer um critério de seleção das ITs a estudar. Definimos como critério a inscrição na TN, em setembro de 2013 - data em que iniciámos o trabalho empírico. Assim, não participaram neste estudo as ITs que surgiram depois da data referida (ex: Famalicão em Transição), nem foram incluídas algumas das ITs ativas, mas que não estavam inscritas na TN (ex: São Luís em Transição, Aveiro em Transição). Em setembro de 2013, identificámos 19 iniciativas espalhadas por todo o território português. Todas foram convidadas a participar no nosso estudo, através do envio de emails, contacto telefónico e/ou contacto pessoal. Recebemos resposta de 16 ITs, que aceitaram participar no nosso estudo.

No total, foram realizadas 45 entrevistas a elementos (a que denominamos de facilitadores) envolvidos ativamente na dinamização das ITs. Muitos destes entrevistados fazem, inclusivamente, parte do grupo dos fundadores das ITs. Na tabela seguinte, apresenta-se uma lista das várias ITs que participaram no estudo, bem como o número total de entrevistados por IT. A IT da Universidade do Minho (UMinho em Transição) e a IT da Transição Universitária na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (TU-FCUL) estão inseridas numa universidade enquanto as restantes estão inseridas numa localidade (cidade, aldeia, vila ou bairro).

Neste relatório o foco será nas ITs comunitárias, no entanto, alguns aspectos das ITs universitárias serão apresentados ao longo do relatório.

Tabela 1 – *Iniciativas de Transição participantes no estudo e número de entrevistas realizadas.*

Distrito	Iniciativa	Tipo	Entrevistas
Odemira	Aldeia das Amoreiras Sustentável	Muller	3
Braga	Braga em Transição	Muller	3
Lisboa	Cascais em Transição	Muller	2
Coimbra	Coimbra em Transição	Muller	3
Beja	Eco-Comunidades na Planície	Muller	2
Lisboa	TU-FCUL (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa)	Muller	3
Lisboa	Linda-a-Velha em Transição	Muller	3
Funchal	Madeira em Transição	Muller	3
Porto	Paredes em Transição	Oficial	3
Leiria	Pombal em Transição	Oficial	3
Portalegre	Portalegre em Transição	Muller	3

Porto	Rio Tinto em Transição ²	Muller	2
Faro	São Brás em Transição	Muller	3
Lisboa	Sintra em Transição	Muller	3
Lisboa	Telheiras em Transição	Muller	3
Braga	Universidade do Minho em Transição	Muller	3
		Total	45

Todas as entrevistas foram gravadas em ficheiro áudio, e posteriormente transcritas *ipsis verbis*. Um conjunto de questões foram previamente definidas para orientar os entrevistados para a exploração dos seguintes temas: emergência e desenvolvimento da IT; relações com a comunidade; práticas de comunicação, atores implicados e parceiros, representações políticas. Interessa notar que, pela natureza semiestruturada das entrevistas, as questões foram sendo colocadas seguindo a narrativa natural dos entrevistados, e da conversa estabelecida entre a(s) entrevistadora(s) e os entrevistados, pelo que não seguimos o guião de forma rígida. Para além disso, procurou-se dar espaço aos entrevistados para exploração de outros temas e significados.

De seguida, apresentam-se as principais temáticas emergentes nas entrevistas aos facilitadores, que permitem compreender melhor a natureza das ITs em Portugal. Três temas principais, subdivididos em outros subtemas, serão apresentados: 1) desenvolvimento do Movimento de Transição em Portugal (princípios e valores, bem como os principais objetivos e áreas de atuação das ITs); 2) interação e envolvimento da comunidade (estratégias de comunicação e mobilização; barreiras ao envolvimento da comunidade) 3) balanço reflexivo (realizações individuais; realizações coletivas; barreiras à evolução da IT).

1. Desenvolvimento do Movimento de Transição em Portugal

Como foi anteriormente referido, os registos na TN indicam que a primeira IT em Portugal surgiu no distrito do Porto, em Paredes, em 2010. Um pouco antes, tinha sido criada uma rede denominada de “Transição e Permacultura Portugal” (<http://permaculturaportugal.ning.com/>), que criou uma plataforma *online* de discussão e promoção das ideias da Transição e da permacultura em Portugal. Esta plataforma, existente desde 2009, foi mencionada por vários entrevistados como um importante mecanismo de contacto com os princípios da Transição. Inclusivamente, alguns dos participantes descobriram a Transição - enquanto movimento - a partir desta plataforma, que serviu

² A IT de Rio Tinto em Transição não chegou a desenvolver atividades. No entanto, optámos por incluir a IT na análise pois os entrevistados abordaram aspetos pertinentes, tais como barreiras ao desenvolvimento da IT.

também para o estabelecimento de contactos com pessoas locais. Por exemplo, alguns dos fundadores da IT Eco-Comunidades na Planície, em Beja, conheceram-se através desta plataforma.

Para a emergência de uma IT, a TN estipula como ingrediente primário a existência de um grupo de pessoas com interesse e motivação para iniciar um projeto localmente (TN, 2015). Com base na análise das entrevistas, constatou-se que a maior parte das pessoas envolvidas na fase inicial da IT tinha fortes preocupações na área do ambiente e da sustentabilidade e, em muitos casos, experiências de envolvimento cívico e político. De facto, alguns dos facilitadores referiram experiências em movimentos sociais (ex: Indignados, *Zeitgeist*), organizações ambientais (ex: GAIA) e associações locais (ex: associação de moradores). Por outro lado, alguns dos elementos envolvidos na criação de iniciativas reportaram experiências académicas e profissionais na área do ambiente (ex: licenciatura em engenharia do ambiente e biologia), e o próprio contexto universitário foi referido como um importante estímulo para o interesse nas questões ambientais (ex: participação na associação de estudantes).

De forma geral, as ITs em Portugal emergiram do empenho e dedicação de um grupo pequeno de pessoas que começou a promover e organizar atividades na comunidade/cidade/vila/aldeia onde se encontravam a residir. Inclusive, em algumas das ITs, um dos elementos do grupo foi definido como tendo um papel central no desenvolvimento da Iniciativa. Este aspeto foi particularmente evidente nas iniciativas mais antigas como Paredes e Pombal em Transição. Por outro lado, os grupos são definidos como flexíveis, versáteis e com grande fluxo de entrada e saída de pessoas. No entanto, parece ser transversal a existência de um núcleo duro que é, em muitos casos, constituído por elementos “fundadores” que permaneceram ativos na IT. A permanência contínua destes elementos foi referida, pelos próprios facilitadores, como um factor de “credibilidade” dos projetos desenvolvidos pelas ITs.

“E depois à medida que os anos foram passando (...), a permanência de alguns de nós mais tempo começou a dar credibilidade.” (Matilde³)

A análise das entrevistas revelou um padrão recorrente em termos de desenvolvimento e crescimento das ITs que importa destacar. Ora, foram vários os grupos que referiram um **momento inicial de grande atividade, seguido por um período de estagnação e/ou burnout** (ex: Telheiras em Transição, Aldeia das Amoreiras Sustentável, Linda-a-Velha em Transição, Madeira em Transição, e Sintra em Transição). Alguns dos facilitadores consideram que esta fase de exaustão surgiu porque um **grupo pequeno** de pessoas se envolveu intensamente no planeamento e na

³ De modo a garantir a confidencialidade dos participantes, todos os nomes utilizados neste relatório são fictícios.

organização das atividades, faltando uma estrutura de maior apoio para os membros mais ativos.

“Quisemos arrancar com toda a energia e tínhamos atividades a todas as alturas e depois de repente quebrámos.” (Tiago)

Por outro lado, alguns dos grupos que surgiram mais recentemente (ex: Eco-comunidades na Planície; Braga em Transição) distinguem-se por terem optado por uma **abordagem inicial mais focada no desenvolvimento do próprio grupo** e menos na projeção da Iniciativa através das suas atividades.

“Há uma certa indefinição (...) e não há esta urgência de vir cá pra fora (...) está-se a fazer devagarinho. Portanto acho que há que há mais ali uma procura interna de cada um de nós (...) do que propriamente a necessidade e a urgência de fazer um grupo e divulgá-lo.” (Sandra)

O que parece ser transversal é uma atitude de constante reflexão sobre as próprias dinâmicas de funcionamento das ITs. Na perspetiva de alguns entrevistados, esta atitude reflexiva sobre os ritmos da IT é coerente com a finalidade do movimento de Transição.

“Precisamente pela forma de fazer as coisas. Depois pela avaliação, pela reflexão que se faz das coisas que a gente fez. A Transição é isso, procura um pouco esta sustentabilidade (...) e portanto não nos podemos esgotar. (...) Eu acho que já não tamos tanto no fazer coisas (...) mas na procura do como.” (Joana)

Verifica-se uma necessidade de **refletir sobre as próprias experiências de envolvimento e desenvolvimento das ITs**. Esta atitude de constante questionamento, traduz-se numa procura de que as atividades/projetos (e sobretudo o modo como são feitas) reflitam os princípios do Movimento de Transição, bem como os valores das pessoas envolvidas. No discurso dos facilitadores encontrou-se referências a vários momentos de avaliação e redefinição dos objetivos da própria IT, tais como: processos de sistematização das experiências (ex: Aldeia das Amoreiras Sustentável); de reorganização dos processos de tomada de decisão (ex: Madeira em Transição; Braga em Transição); de um período indeterminado de pausa (ex: Pombal e Paredes em Transição); de uma transformação da iniciativa em outro projeto coletivo (ex: Coimbra em Transição; Telheiras em Transição; Sintra em Transição; Linda-a-Velha em Transição); e investimento em projetos de vida familiar alternativos (ex: Cascais em Transição).

1.1. Princípios e valores

No decurso das entrevistas foram várias as referências a princípios e valores das ITs em Portugal, e da Transição em geral. Desde logo, a Transição foi apresentada como uma aplicação social da permacultura e vários entrevistados referiram os **princípios da permacultura** (cuidar da Terra; cuidar das pessoas; e partilhar os excedentes) como inerentes às ITs. Inclusivamente, alguns dos entrevistados sugeriram que foi através do contacto com a permacultura (ex: realização de um curso de permacultura) que tiveram o primeiro contacto com o Movimento de Transição.

“(...) A permacultura e os princípios éticos da permacultura: cuidar da Terra, cuidar das pessoas e partilhar os excedentes, é um pouco ter um pouco esta filosofia que também tá subjacente um pouco aos movimentos de Transição. E nós temos na nossa missão (...) estes princípios estão lá dentro.” (Nélio)

Os princípios da permacultura foram referidos como particularmente relevantes em fases iniciais das ITs, pois tendem posteriormente a dar lugar a valores mais específicos e centrados nos **relacionamentos interpessoais**. As seguintes citações são representativas dos vários princípios e os valores, como **inclusão, transparência, partilha, solidariedade e igualdade**, que orientam as ITs.

“Durante muito tempo estavam bastante vincados aqueles valores da permacultura (...) isso foi um guia inicial para isto, mas que depois se desmultiplicam numa série de valores ou de digamos subvalores (...) mais práticos de solidariedade, sustentabilidade, transparência (...) de que as coisas são baseadas nas relações humanas. Depois vem a questão da comunicação, comunicar abertamente, sem grandes reservas, sem grandes segundas intenções...” (Bruno)

“Essencialmente também aqui há uma questão também que a Transição tem como ponto relevante que é a igualdade.” (Luísa)

Princípios relacionados com **aceitação e inclusão** foram também mencionados como fundamentais para as ITs. Contudo, um dos facilitadores sugeriu que a inclusão na IT pressupõe que haja identificação com os valores e os princípios da Transição.

“Da Transição é sempre da inclusão e quem vem por bem (...) portanto nós estamos sempre abertos a que as pessoas façam.” (Alexandre)

“Nós queremos ser um grupo que inclui toda a gente de todas as perspetivas, de acordo com a nossa filosofia, certo? Aqueles que não partilham da nossa perspetiva não, não” (Xavier)

Na maior parte dos casos, os entrevistados referiram uma identificação muito forte com os valores e princípios da **ecologia e da sustentabilidade ambiental**.

“Subscribo as preocupações ambientais, ou a valorização dos usos e costumes, a valorização das técnicas, de trabalho sem utilização ou com a máxima redução de dispêndio de energia.” (Hernâni)

O **princípio da horizontalidade** na tomada de decisões foi também referido, de forma transversal, como essencial ao funcionamento das ITs. De facto, ao longo do trabalho empírico constatou-se que a grande maioria das ITs pretendem um modelo de funcionamento horizontal, com liderança informal repartida e/ou rotativa, que assente na **participação igualitária de todos os membros**. Este princípio pressupõe, na perspetiva dos facilitadores, que a promoção de uma mudança coletiva depende de um envolvimento de todos os elementos:

“Mas sempre de uma forma de funcionamento horizontal - sem hierarquias - e promovendo ao máximo aquilo que a Transição defende (...) renovação de elementos. As pessoas não podem estar eternamente no mesmo lugar senão depois dá aquela ideia de que aquele é responsável por aquilo, aquele é que manda, não é isso que a Transição quer.” (Xavier)

É de salientar que os princípios/valores que foram apresentados como inerentes às ITs parecem ser congruentes com os próprios valores dos facilitadores. De facto, para muitos, os valores do movimento de Transição refletem o estilo/modo de vida que os facilitadores pretendem ter.

“O Movimento de Transição ia um bocado de acordo com a minha perspetiva daquilo que poderiam ser as nossas vidas: uma velocidade mais reduzida; um consumo mais reduzido; olhar o mundo de uma forma um bocadinho diferente; tentar fazer algo por aqueles que estão à nossa volta...” (David)

1.2. Objetivos

Diretamente relacionado com os princípios/valores, foram enumerados uma série de objetivos das ITs em Portugal, e do Movimento de Transição em geral. Desde logo, interessa destacar que vários facilitadores caracterizaram a sociedade atual como “doente”, com um ritmo demasiado acelerado que tende a destruir os recursos existentes. Nesse sentido, por um lado, salientam que é preciso **criar alternativas/soluções**, mais sustentáveis, a vários níveis (ex: individual, familiar, local, comunitário). A seguinte citação ilustra o modo como a procura de soluções mais sustentáveis se destacou enquanto objetivo.

“O foco é a procura de soluções. Mas pra tudo, não só pra questão energética (...) mas eficiência e sustentabilidade nos vários domínios (...) individuais, familiares, comunitários, outras formas de estar, outras formas de ser.” (Joana)

Por outro lado, foi claramente assumido pelos facilitadores que as ITs não têm soluções

definitivas para os desafios contemporâneos, contudo pretendem fazer parte de um processo de experimentação e construção de alternativas concretas. Um dos objetivos apontados foi, precisamente, a **criação de espaços e contextos de experimentação** de modos alternativos de fazer as coisas, que permitam fazer face às diferentes crises atuais. Neste processo de experimentação e construção de alternativas, um dos pressupostos é que os envolvidos no movimento de Transição estão (ou estarão) também num processo de mudança interior. De facto, a **Transição interior** foi referida, por si mesma, como um objetivo do Movimento, e surge como condição fundamental para uma mudança mais coletiva. As seguintes citações demonstram esta relação entre uma Transição individual, subjetiva, “interior” e uma mudança social coletiva.

“Mas como se faz a alteração de comportamento, tu só consegues fazer isso é numa mudança interior! (...) Implica uma completa mudança de comportamento, uma completa nova visão da vida, e do teu papel...” (Leonor)

“Então, isto requer uma Transição interior muito grande (...). Então acho que aqui temos que fazer um trabalho imenso para chegar a essa situação em que realmente podemos usufruir da nossa diversidade e construir sistemas complexos, que funcionem.” (Susana)

“A Transição é um processo (...) em primeira instância individual (...) e que depois tem que ser feito em grupo, na comunidade. Mas tem que partir, sempre, de uma questão individual, interior.” (Joana)

Assim, ao mesmo tempo que os facilitadores ambicionam essa Transição interior, têm o objetivo de expandir ideias e contagiar os outros para que a mudança individual passe, também, a ser parte de uma mudança coletiva. A **propagação dos princípios, ideias e visões da Transição**, foi assumida por vários facilitadores como um dos objetivos das ITs em Portugal. Vários facilitadores, salientaram que o objetivo é **criar condições para a mudança**, deixando “sementes” para que as ideias sejam desenvolvidas. São várias as expressões utilizadas para dar corpo a este objetivo, tais como: “lançar sementes”, “replicar ideias”, “consciencializar”, “contágio”.

“É o (objetivo) do contágio dessa responsabilidade pessoal que se transforma numa consciência de responsabilidade coletiva. Portanto eu parto do indivíduo para o coletivo e não do coletivo para o indivíduo.” (Gustavo)

Assim, mais do que fazer coisas pela comunidade, as ITs pretendem promover o envolvimento das comunidades para que sejam estas as promotoras da mudança. As ITs assumem, portanto, o **papel de facilitadores da mudança coletiva**, ao mesmo tempo que são eles próprios agentes de mudança - e em mudança. As seguintes citações elucidam e sumarizam a visão das ITs

sobre a mudança comunitária, bem como sobre o papel das ITs nesta mudança.

“É isso, é isso que me estimula a estar lá (...) a mim interessa-me, a coisa concreta que eu quero fazer é estimular as pessoas a fazer coisas em concreto, coletivamente.” (Francisco)

“O meu trabalho é um trabalho comunitário que procura mudar alguns aspetos da nossa forma de nos organizarmos enquanto sociedade para que, enquanto comunidade sejamos mais resilientes. E portanto possamos fazer mais facilmente face a mudanças.” (Gabriela)

E é neste sentido de construção de uma **consciência coletiva** que a criação de comunidade emergiu como um objetivo central para a maioria das iniciativas.

“Na prática nós chegamos, o que nós propagamos muito e a mensagem que fazemos chegar às pessoas é que nós queremos criar comunidade.” (Tiago)

Este foco na **criação de comunidade** está presente quer em iniciativas urbanas quer em iniciativas rurais, e parece assentar na ideia que só em rede, e em ligação com a comunidade, é possível alcançar sustentabilidade e resiliência comunitária. A **resiliência da comunidade**, por sua vez, foi também definida como um objetivo das ITs. A citação seguinte, representativa do discurso de vários entrevistados, esclarece o modo como as ITs percebem a resiliência comunitária.

“Resiliência! E o grande objetivo é pra mim: uma nova forma de viver em comunidade e contigo próprio (...) No momento em que tu saibas que fazes parte de um todo, mas que ao mesmo tempo podes exprimir o teu ser sem teres que usar artifícios...” (Leonor)

Diretamente relacionada como a resiliência comunitária, a **relocalização** (a vários níveis tais como: alimentação, serviços, processos de tomadas de decisão, etc.) emergiu como um objetivo central. Claramente este objetivo vai de encontro às perspetivas dos movimentos *bottom-up*, que colocam a solução no contexto e no papel do coletivo na construção de um sentido comum.

“Localmente. Faz muito sentido agir a partir do nosso, para já, de nós próprios. Da nossa casa, do nosso bairro, da nossa cidade. Porque o global materializa-se no local, não é. E portanto é uma questão de escalas também (...) mas tem que ser algo coletivo, a uma escala em que as pessoas sintam que podem de facto fazer alguma diferença, em que possam agir de forma concreta, para também irem correndo riscos, experimentando...” (Gabriela)

Na perspetiva de alguns dos facilitadores, uma das condições fundamentais para que os objetivos anteriores (resiliência comunitária e relocalização) se concretizem é que a comunidade se envolva na construção da mudança. De facto, o envolvimento da comunidade na mudança de paradigma foi considerado pelos entrevistados como a forma de alcançar uma **comunidade resiliente e empoderada**. Esta ideia é expressa por vários facilitadores que enfatizam a necessidade de voltar a dar poder às comunidades como uma forma de promover a mudança social em direção a uma

sociedade mais sustentável. Por sua vez, promover o **envolvimento das comunidades** foi também definido como um objetivo das ITs.

“Acho que parte essencial de haver um desenvolvimento é que a própria comunidade se sinta protagonista do seu próprio desenvolvimento, senão não vai haver um desenvolvimento real.” (Abílio)

“Acredito simplesmente porque traz o poder da comunidade. (...) As pessoas se juntarem em grupo e fazerem as coisas (...) ou seja o sentido de comunidade, perdeu-se hoje em dia (...) principalmente, nas zonas urbanas.” (Gabriela)

Quanto às ITs universitárias, o objetivo da IT TU-FCUL é a criação de redes, potenciar a investigação em projetos sustentáveis, alterando a prática científica e universitária. Já a IT da Universidade do Minho apresenta-se como tendo o objetivo de favorecer a partilha de experiências e o convívio entre a comunidade académica.

1.3. Áreas de atuação

A um nível mais concreto, interessa referir que as ITs têm procurado concretizar os seus objetivos através do foco em quatro principais áreas de atuação: **alimentação e agricultura, economia solidária, mobilidade e sensibilização**. Por sua vez, estas áreas traduzem-se numa série de atividades e projetos que têm vindo a ser desenvolvidos pelas várias ITs (cf. Anexo 1).

Desde logo, a questão da **alimentação e da agricultura** parece ser a área de atuação mais transversal a todas as iniciativas. De facto, todas as iniciativas enumeraram alguma atividade na área da alimentação e da agricultura: organização de cursos de permacultura/agricultura (ex: Braga em Transição, Linda-a-Velha em Transição, UM Transição), cursos de apicultura (ex: Paredes em Transição; Coimbra em Transição), criação/dinamização de hortas comunitárias (ex: Coimbra em Transição; São Brás em Transição, Linda-a-Velha em Transição, Sintra em Transição), cursos de alimentação vegetariana (ex: Paredes em Transição), de bebidas “leites vegetais” (ex: Coimbra em Transição), troca e círculo de sementes (ex: Eco-Comunidades na Planície); criação de pontos de distribuição de cabazes de vegetais biológicos (Linda-a-Velha em Transição).

A procura de uma **economia solidária**, que assente em princípios da dádiva e da troca, foi também uma área referida como central na atuação das ITs. Foram várias as atividades realizadas a este nível, tais como: feira de trocas (ex: Madeira em Transição, Portalegre em Transição); mercados de promoção de produtos locais (ex: Aldeia das Amoreiras Sustentável); debates sobre moedas sociais (ex: Eco-comunidades na Planície); *permablitz* ou sessões de voluntariado agrícola (ex: Braga

em Transição; Madeira em Transição); oficinas de costura (ex: Portalegre em Transição); *workshops* de compotas (ex: Portalegre em Transição); oficinas de saberes tais como sabonetes artesanais (ex: Cascais em transição; Paredes em Transição, São Brás em Transição); *workshops* de cestas tradicionais em vime e de sacos de pano (ex: Pombal em Transição). Em Portalegre, em 2013, realizou-se a Ajudada, uma encontro internacional organizado com foco precisamente na economia da dádiva. Este evento foi referido por vários facilitadores entrevistados, de várias ITs, como um evento de referência a nível nacional na promoção da economia da dádiva.

A questão da **mobilidade** é também uma área de atuação de alguma das iniciativas, nomeadamente das ITs em Linda-a-Velha, Portalegre e Telheiras, que referiram a organização e/ou a participação em eventos de promoção da bicicleta. Em Telheiras, as atividades do grupo de trabalho ligado à mobilidade levaram à implementação de um projeto Zona 30⁴ na localidade, no âmbito da Agenda 21 da Câmara Municipal de Lisboa.

Por fim, palestras, debates, ciclos de cinema, almoços partilhados e *workshops* com vista a sensibilização foram utilizados frequentemente em todas as ITs. Estes eventos são utilizados como uma forma de propagar os valores, princípios e ideias da Transição nas várias áreas (ex: economia, agricultura, alimentação, ecologia, energia, mobilidade, etc.), e foram referidos como importantes momentos e espaços de partilha de conhecimentos e sonhos. O Eco-Festival na Planície, organizado pela IT Eco-Comunidades na Planície, constitui-se um exemplo de um evento anual que visa precisamente ser um espaço de partilha de conhecimentos na área da ecologia, das energias ecológicas, das comunidades sustentáveis, e do eco-turismo.

2. Envolvimento da comunidade

A comunidade assume grande centralidade nas ITs em Portugal, quer em termos de promoção do envolvimento e empoderamento das comunidades locais, quer em termos de (re)construção do sentido de comunidade. Ainda que algumas iniciativas tenham reconhecido não terem, no momento, a prioridade de envolver a comunidade local (ex: Braga em Transição), pois sentem a necessidade de se consolidarem primeiro enquanto grupo, a maior parte das ITs considera central o envolvimento da comunidade nas suas atividades e projetos. De seguida, exploram-se algumas das estratégias utilizadas pelas ITs para a concretização deste objetivo.

⁴ Zonas 30 são zonas urbanas onde o limite de velocidade é de 30 km por hora.

2.1. Estratégias de comunicação e mobilização

De forma geral, os diferentes formatos de **atividades** (ex: ciclos de cinema, debates, almoços comunitários) organizadas, têm o duplo objetivo de envolver as comunidades e disseminar a mensagem da Transição. Alguns dos facilitadores salientaram a necessidade de transmitir a mensagem da Transição de forma prática, sem recurso a chavões técnicos.

“Fazemos uma oficina de máquinas de costura, e toda a gente aprende, há troca de saberes, as pessoas ensinam o que sabem, recebem (dos) outros aquilo que os outros sabem e isso no fundo são ações que têm tudo a ver com o Movimento de Transição...” (David)

Da mesma forma, a **valorização das práticas e dos saberes locais** foi referida como uma estratégia importante. Vários facilitadores evidenciaram que ao mesmo tempo que potenciam uma aplicação destes saberes mais locais e tradicionais, podem demonstrar às comunidades formas de “transitar” para um mundo mais sustentável, atendendo às características da região (ex: crenças, comportamentos, e cultura local).

“Valorizar aquilo que as pessoas fazem e a partir da valorização daquilo que as pessoas fazem, estabelecer pontes de comunicação, práticas, estar com elas a fazer ...” (Tomás)

O recurso a **uma abordagem positiva**, que evite discursos centrados nos problemas, e com foco na procura de soluções, foi outra das estratégias apontadas pelos facilitadores.

“Eu acho que a perspetiva, pelo menos a minha visão é focar na solução, não no problema. O problema não interessa. Agente deve é tentar procurar (...) uma solução...” (Nélio)

Para além disso, foram várias as ITs que reforçam a ideia de que o Movimento de Transição, não pretende “chocar” com as estruturas atuais vigentes, mas trabalhar em conjunto com estas. Esta **postura colaborativa**, e não confrontativa, foi referida por vários facilitadores, e reflete-se também no tipo de parcerias que as ITs desenvolvem localmente. De facto, foram várias as ITs que enumeraram parcerias com a Junta de Freguesia, com a Câmara Municipal local e/ou com associações locais (cf. Anexo 2).

“Exato, nós trabalhamos, não numa postura de confronto, mas numa postura de diálogo, o que por vezes é frustrante, não é, mas trabalhamos nessa perspetiva, muito construtiva.” (Tomás)

Verificou-se também um esforço de mobilização através do **aprofundamento das relações de proximidade com a comunidade**. A disseminação das atividades através de estratégias informais como o “boca-a-boca” e o “porta-a-porta” foram referidas por algumas ITs. Esta estratégia parece ser

particularmente utilizada pelas ITs rurais.

“Será mais por essa forma, e por contactos pessoais, aqui há tempos houve (um evento), então foram na noite anterior, no dia, informar toda a gente que ia haver uma apresentação das crianças de várias artes, e apareceram algumas pessoas da aldeia, (...) porque é um pouco assim, não é só por uma folha no café, tem muito de relacionamento interpessoal.”
(Francisco)

De forma paralela, foi referido que só em proximidade com a comunidade envolvente, torna-se possível a **exploração de sonhos, desejos e necessidades reais**. Projetos como os “frescos” e a “Aldeia de Sonhos” realizados na Aldeia das Amoreiras, e o painel de mosaicos, em Coimbra, foram enumerados como exemplos de projetos que potenciam o envolvimento local através de metodologias participativas - nestes casos, com forte componente artística. Parece ser consensual que as ITs devem criar espaços de participação através da exploração de necessidades, sonhos e desejos da comunidade, usando **metodologias participativas**.

“Eu acho que isto se faz ao longo do tempo, realmente estando com as pessoas, falar, conversar sobre o que é importante na vida, a situação das pessoas, os sonhos das pessoas...”
(Susana)

Por outro lado, na perspetiva de um dos entrevistados, o modo como se comunica é particularmente importante, pelo que a estratégia deve assentar **numa comunicação aberta, inclusiva** e com respeito pelas ideias de todos.

“A nossa estratégia é comunicar (...) de forma aberta, de forma inclusiva e, sem tabus, evitar ao máximo tabus, porque isso é, é um bloqueio. Tentar sempre respeitar a opinião do outro, e trazer ideias para a mesa, acho que é muito importante.” (Abílio)

No que concerne aos **meios e canais de divulgação** utilizados pelas ITs em Portugal, é claramente visível que os meios e plataformas digitais são os prediletos. A opção por ferramentas electrónicas como o Facebook, blogs, newsletter, lista de emails, como meios de comunicação privilegiados, deve-se essencialmente ao facto de serem de fácil acesso e gratuitos. Neste sentido, os entrevistados reconheceram as desvantagens em focar a disseminação das ITs, apenas em ferramentas *online*, e sugeriram a necessidade de diversificar os meios utilizados.

“Nós hoje temos aquele inimigo que é o Facebook, que é uma coisa que (...) que tem muitos likes, mas que não se materializam em coisa nenhuma. E nós temos perfeita consciência disso (...) eu não vivo iludido porque tenho três mil likes numa página ou porque a página atingiu quatro mil pessoas num determinada, mas, é efetivamente hoje uma forma.” (David)

Ainda que a disseminação *online* tenha sido considerada, pela maioria dos facilitadores, uma

estratégia de disseminação extremamente relevante, foram referidas várias outras formas de divulgação das atividades das ITs. De facto, a **fixação de cartazes em locais estratégicos** continua a ser usada por algumas iniciativas; bem como o recurso a **meios de comunicação social** (jornais e rádios) nacionais e locais (ex: Pombal em Transição, Aldeia das Amoreiras Sustentável). Para além disso, algumas ITs (ex: Eco-comunidades na Planície, Portalegre em Transição, e Aldeia das Amoreiras Sustentável) referiram a utilização **das agendas e newsletters** das Câmaras Municipais para disseminar as suas atividades.

2.2. Obstáculos ao envolvimento da comunidade

Apesar de todo o esforço no sentido de envolver as comunidades e do próprio movimento assumir o envolvimento da comunidade como central, foram várias as ITs que deram conta de uma grande dificuldade em mobilizar e potenciar a participação da comunidade local.

“A mobilização da comunidade foi o principal desafio.” (Tomás)

“Eu acho que isso é o grande desafio, dos Movimentos de Transição. Porque há aquela fase inicial de muito entusiasmo, muita dedicação, só que depois...” (Joana)

Em termos de barreiras, a maior parte dos entrevistados referiu uma **falta de disposição para o envolvimento e para o compromisso com as questões cívicas e políticas**. Há referência a um comodismo geral que obstaculiza a participação das pessoas não só nas atividades das ITs mas na sociedade de forma generalizada.

“Como quase todas as tarefas são feitas ou em economia da dádiva ou por voluntarismo, apesar de haver sempre uma adesão muito grande às ideias, as pessoas vão desmobilizando devagarinho, é um fenómeno um bocado natural também infelizmente, não digo na Transição porque ele é comum a tudo na nossa sociedade.” (David)

“As pessoas têm um bocado de dificuldade em comprometer-se com o que quer que seja.” (Ana)

Da mesma forma, o discurso dos participantes sugere que as pessoas estão muito **resistentes e inseguras face à diferença e à novidade**, e que isto tende a ser um obstáculo à mensagem da Transição.

“E as pessoas tiveram um bocado de medo! Não se envolveram completamente (...) têm alguns complexos que as inibe de participarem ativamente quando vêm pessoas que são de fora (...) é uma cidade um bocado fechada (...). Portanto tu não vês que houve uma participação ativa.” (Alexandre)

Diretamente relacionado com a falta de abertura social, os entrevistados expressaram também a ideia de que existe uma **desconfiança generalizada**, que condiciona o envolvimento. Alguns entrevistados, sobretudo facilitadores das ITs com características rurais (ex: Aldeia das Amoreiras; São Brás em Transição; Pombal em Transição), descreveram as pessoas como fechadas, pouco abertas à novidade e essencialmente desconfiadas.

“Em termos dos problemas, as pessoas também não acreditam, e são desconfiadas por natureza.” (Sérgio)

“De certa forma, as pessoas sempre são desconfiadas à primeira...” (Hernâni)

Alguns **factores mais contextuais**, como a **crise económica e o consequente desânimo social**, foram também mencionados como possíveis motivos para a menor disponibilidade para o envolvimento.

“Eu acho que comparado com há quatro anos as pessoas estão mais cansadas, com menos tempo disponível, com mais problemas ao nível financeiro, muito mais nómadas, com incertezas sobre o trabalho etc. Então mesmo quando não é uma indisponibilidade física é uma indisponibilidade mental e emocional.” (Susana)

No mesmo sentido, alguns participantes usaram o argumento das características culturais da sociedade portuguesa para justificarem o comportamento das pessoas em termos de envolvimento. A sociedade foi descrita, por alguns dos facilitadores, como **pouco participativa e envolvida em questões sociais, políticas e ambientais**.

“Há aqui duas vertentes importantes. Uma vertente é a herança cultural portuguesa. Em Portugal, comparado com um país no norte da Europa, não há muito esta proatividade, as pessoas não estão acostumadas a ter iniciativa própria. Então isso é um processo de aprendizagem de como funcionar em grupo, de como concretizar sonhos, etc.” (Susana)

Para outros, o obstáculo está na própria **mensagem da Transição**, definida como sendo **difícil** de compreender.

“Transição de quê para quê? E isto começa a ser complicado logo de explicar! (...) Porque a maior parte das pessoas não tem ideia nenhuma sobre o assunto. Então ligam-nos logo à agricultura biológica, indivíduos que andam de bicicleta, que vão para as manifestações dizer contra, tar contra o poder e indivíduos que são vegetarianos...” (Ricardo)

Similarmente, alguns facilitadores referiram uma **falta de disponibilidade**, em termos de tempo, dos elementos pertencentes à IT. Este aspecto foi referido como um obstáculo a um trabalho

consistente e contínuo.

“Depois não participamos em mais coisas mesmo por uma questão de disponibilidade. Portanto havendo poucas pessoas e pouca disponibilidade dessas pessoas, é um bocado difícil.” (Duarte)

Do ponto de vista do modo de funcionamento das ITs, alguns facilitadores referiram o formato de organização dos processos de tomada de decisão, como uma barreira ao envolvimento da comunidade local. Especificamente, o **formato da “reunião”** foi definido como sendo pouco eficaz em alguns contextos, sobretudo nos meios rurais. O modo como as reuniões são convocadas também foi referido como um aspeto que influencia a adesão da comunidade local - especialmente quando os elementos do grupo da IT são considerados pelos habitantes locais, elementos não naturais/originais da comunidade local.

“Ela (Amélia) não tem paciência para reuniões, para esse modo mais intelectual, ou se calhar mais académico, de organizar as coisas, mas de resto para pôr as mãos na massa ela aparece muitas vezes.” (Francisco)

“E depois há um número de coisas e fatores: é o facto de nós sermos de fora, é o facto de às vezes uns não se dão bem com outros (...) depende de quem convoca a reunião...” (Tomás)

Associa-se também à dificuldade em passar a mensagem da Transição e em mostrar às pessoas a importância dos temas trabalhados pelas ITs, a questão da comunicação. De facto, foram vários os facilitadores que referiram **problemas de comunicação com a comunidade**, assumindo falhas a este nível.

“Portanto acho que se calhar podíamos melhorar às vezes um bocadinho isso, não queremos fazer a 100%. Pronto, tamos ainda muito limitados, acho, para comunicar muito bem.” (Gabriela)

“A comunicação é um dos pontos fracos da nossa iniciativa e nós sabemos que temos que nos focar e não temos feito...” (Tiago)

Adicionalmente, a **insuficiente comunicação com as estruturas locais** pré-existentes foi também reconhecida como um factor que dificultou o envolvimento da comunidade local.

“Faltou-nos falar com as instituições, a comunicação era feita muito pra dentro, portanto dentro da mailing list, só para as pessoas que seguiam o site (...) acho que falhou a nível da comunicação para chegar a mais pessoas.” (Hugo)

Na IT TU-FCUL uma das barreiras para o envolvimento da comunidade referidas, foi a rotatividade dos participantes, já que no caso dos alunos há um tempo “definido” para o vínculo com a faculdade. Por sua vez, o envolvimento de professores e funcionários foi também referido como uma dificuldade.

3. Balanço reflexivo – realizações e barreiras

Com vista a compreender o estado das ITs em Portugal, procurou-se incentivar os entrevistados a refletirem sobre: realizações a nível individual; realizações a nível da IT; e barreiras à evolução da IT. De forma geral, todos os entrevistados avaliaram de forma positiva o percurso da (e na) IT e enumeraram uma série de impactos individuais e coletivos. Contudo, verificou-se alguma resistência e ambivalência em enumerar os aspetos negativos e (essencialmente) os sucessos/realizações da IT.

3.1. Realizações a nível individual/pessoal

A um nível individual foram várias as referências a aprendizagens decorrentes do envolvimento na IT: **maior flexibilidade e disponibilidade para a aprendizagem; maior consciência das realidades locais**, e uma **maior preparação para lidar com as frustrações e os insucessos inerentes ao trabalho com a comunidade**.

“Uma das coisas que eu acho que nós aprendemos, e que eu aprendi, é que primeiro não podemos nos deixar frustrar pelos problemas porque provavelmente não somos nós que estamos a fazer as coisas mal, não somos nós que estamos mal, não é a ideia que está mal, mas é a maneira como se fazem as coisas que pode não ter nada a ver com o que as pessoas querem fazer.” (Tomás)

“Eu desde que tomei a decisão de sair de Lisboa e vir pra cá mudou bastante a minha forma de ver as coisas.” (Duarte)

Por outro lado, o envolvimento parece ter contribuído para um **desenvolvimento da perceção** de que os facilitadores são capazes de fazer coisas pela comunidade local e promover mudança local, **e que têm efetivamente um papel nesta mudança**.

“Então acho que como política, politicamente acho que (...) ampliou a minha noção de intervenção, o que é que eu posso fazer do ponto de vista humano, à escala social. Eu acho que somos grandes, somos seres grandes e é isso que tamos cá a fazer. Não vale estarmos a esperar por vontade de alguém que a coisa vá ficar bonita.” (Ana)

Da mesma forma, a participação na IT parece ter contribuído para um maior **sentido de pertença**. De facto, foram vários os facilitadores que referiram um maior sentido de pertença a um

grupo com os mesmos ideais e objetivos. Este aspeto foi apontado como positivo, e decorrente do envolvimento na IT.

“Ou seja, isso dá-me sentido de pertença e esse sentido de pertença é o que me dá energia. É isso que a TN oferece, não é um modelo a que nós, ou alguém se agarra, mas sim quem entra pode dar inputs e modificar um bocadinho o que lá existe, desde que exista obviamente sempre um miolo que não se altere.” (Ana)

“Eu antes de estar no Movimento de Transição entendia que as coisas estavam mal, mas faltava-me uma equipa, faltava-me ali uma zona com que eu me identificasse.” (Ricardo)

3.2. Realizações a nível colectivo/iniciativa

A nível das realizações da própria IT, a **capacidade de contágio de ideias e de inspiração** de outras pessoas foi referida como o principal resultado atingido.

“E existe uma simbiose de inspiração, porque eu sei que por exemplo o (...) foi um filme que inspirou um montão de gente, tive feedbacks extraordinários, de pessoas de áreas completamente diferentes (...). E se calhar eu sinto-me um bocado assim, sinto-nos muito a ponta da flecha, a abrir montes de caminhos, mas depois somos um bocado frágeis na consolidação, na manutenção dos espaços que abrimos.” (Matilde)

A seguinte citação suporta o aspecto apontado pela Matilde, e adicionalmente reflete sobre a dificuldade em avaliar as ITs em termos de “sucesso”. No entanto, coloca a avaliação do ponto de vista do próprio grupo - isto é da evolução da IT - e do modo como as ITs **ultrapassam as dificuldades**.

“De um modo geral as pessoas que têm tomado contacto com as atividades do grupo têm, por um lado, evoluído positivamente. Portanto ao nível individual eu creio que tem havido um crescimento muito grande da consciência das pessoas, e ao nível coletivo (...) eu tenho algumas dificuldades em fazer leituras do coletivo. Mas aquelas que faço são relativamente positivas, uma vez que o grupo conseguiu ultrapassar as dificuldades inerentes da dependência do líder.” (Gustavo)

Os facilitadores definem as ITs como um projeto de experimentação, o que leva a que as realizações sejam definidas, precisamente, em termos da **possibilidade de experimentar**.

“Eu tenho mesmo que dizer que sim, porque para mim o projeto sempre foi um projeto de experimentação e portanto como experimentação foi precisamente aquilo que a gente fez, claro que a experimentação implica sempre momentos em que não fazemos as coisas bem, não estamos a vê-las bem.” (Matilde)

Para além disso, interessa destacar que o principal aspecto mencionado para a realização de um balanço mais negativo prende-se com a **falta de envolvimento da comunidade**.

“Em termos de impacto a nível da comunidade eu acho que os resultados são um bocado fracos. Portanto, a comunidade não veio muito. E dá ideia que as coisas acabaram por ser um circuito ainda relativamente restrito. Portanto, vieram pessoas, mas um bocado de boca

em boca, mas nunca atingindo umas proporções assim muito grandes.” (Daniel)

3.3. Barreiras à evolução da IT

Vários fatores foram identificados como obstáculos ao desenvolvimento e à consolidação das ITs. Desde logo, a **não profissionalização** das pessoas envolvidas nas ITs foi considerada como um obstáculo a um trabalho consistente e contínuo. Foram vários os entrevistados que apontaram severas limitações ao trabalho meramente voluntário e que atribuem o insucesso de algumas ITs precisamente à inexistência de “profissionais” a tempo-inteiro.

“Se as pessoas não tiverem alguma coisa a ganhar com o envolvimento direto acabam por perder o interesse. Praticamente todos os movimentos de Transição que continuaram durante mais ou menos tempo (...) ou eram pessoas que estavam desempregadas a tentar criar um posto de trabalho numa coisa que elas gostavam de fazer, ou então tavam a tentar mudar de trabalho...”(Norberto)

“Eu acho que os obstáculos são o excessivo voluntariado e achar que o voluntariado pode resolver as coisas, ou que pode ser muito produtivo...”(Hugo)

“Nós não o fizemos porque ao fim de três, quatro meses começámos a falar na necessidade de ter uma pessoa dentro da iniciativa que fosse remunerada, para fazer secretariado.” (Guilherme)

A **falta de financiamento** para desenvolver os projetos foi outro dos aspetos referidos, nomeadamente porque impede a realização de algumas atividades/projetos que exigiam recursos humanos, financeiros e logísticos.

“Tudo envolvia bastante dinheiro, era preciso alugueres de espaço, de tendas e na altura (tínhamos) vários entraves mais monetários.”(Marisa)

“Eu acho que há duas coisas, só para concluir: é preciso mais financiamento para conseguir fazer aquilo que nós ambicionávamos (...) e muito mais pessoas a trabalhar para poder ter uma equipa coesa do início ao fim, e nós tivemos um financiamento ridículo para fazer aquilo que nos propúnhamos.” (Tomás)

Da mesma forma, alguns facilitadores, referiram a **não formalização da IT** (ex: enquanto associação ou cooperativa) como um entrave ao funcionamento de alguns projetos.

“Mas algo operacional, não é, formar uma associação, formar uma cooperativa, uma parte mais formal de constituição legal...” (Daniel)

“Isso foi muito discutido porque isto em Transição já se devem ter apercebido há uma dificuldade, toda a gente à partida quer rejeitar as associações tradicionais, digamos este formalismo. As pessoas querem que haja consensos pessoais e um entendimento sem formalismos, porque dá muito desgaste das pessoas, gasta-se muita energia na questão

burocrática, das papeladas (...). E depois também é muito difícil esse entendimento, porque geralmente as pessoas do movimento da Transição são pessoas que querem ser, e muito bem, livres. Mas isso também dificulta porque, penso que ainda não se conseguiu encontrar um modelo em que a pessoa consiga ser livre, mas ao mesmo tempo ter algumas regras de funcionamento.” (Guilherme)

Contudo, interessa salientar que a necessidade de formalizar a IT não foi um aspeto consensual, pelo contrário, a não formalização é também uma característica das ITs que motiva o envolvimento de alguns dos facilitadores. Por outro lado, o **desgaste** de algumas das pessoas mais ativas e envolvidas nas ITs foi referido como uma dificuldade sentida por vários facilitadores. Este esgotamento parece estar diretamente relacionado com o número limitado de pessoas que estão, de facto, ativamente envolvidas nas ITs. Foram vários os facilitadores que referiram a **inexistência de uma massa crítica** suficiente para garantir o funcionamento da IT.

“Porque éramos tão poucos que entendemos que sem massa crítica não íamos a lado nenhum (...) também nos falta a massa crítica, e a adesão acaba por ser muito pequena também.” (Carolina)

“E depois éramos dez, por exemplo, éramos dez e havíamos de ter sido trinta. Foi uma falha não termos chegado a ser muitos, não é, como grupo. Porque dava pra ver, não havia gente pra dar energia a todas as coisas.” (Ana)

“O maior obstáculo foi mesmo encontrar pessoas que se quisessem dedicar um pouco, um pouco do seu tempo ao projeto (...). Para arrancar o projeto e para podermos desenvolver atividades em que tivéssemos alguma organização...” (Duarte)

No entanto, interessa notar que um dos facilitadores enfatizou que, apesar da perspetiva dominante de que é difícil promover uma “massa crítica”, a IT a que pertence tem conseguido potenciar o envolvimento de algumas pessoas.

“Há quem diga que o mais difícil é criarmos massa crítica - promover mais adesão. Mas eu acho que não, acho que temos progredido bem, eu até há pouco tempo tava sozinho, praticamente. Agora já temos oito elementos constantemente ativos.” (Abílio)

O **envolvimento e a dedicação desigual** dos elementos da IT foi outro aspecto referido como uma barreira ao desenvolvimento das ITs. Contudo, a dificuldade parece estar não tanto na desigualdade do nível de investimento, mas na dificuldade em gerir e aceitar esse facto.

“Eu acho que havia também um (desbalanço) nas contribuições e não conseguimos bem, como grupo, lidar com esse desbalanço. As pessoas que não estavam a contribuir muito sentiram a culpa (...) e as pessoas que estavam a investir muito (...) não conseguimos realmente dar este espaço às outras pessoas, nem conseguimos medir bem a temperatura do grupo.” (Susana)

Ao mesmo tempo, como a Susana salientou, em alguns casos verificou-se uma **falta de reflexão e avaliação do funcionamento do grupo** o que associado à **falta de coesão e consolidação do grupo** levou ao afastamento de alguns dos membros.

“Porque nos focámos muito em fazer atividades (...) em começar a abrir enquanto ainda não tínhamos feito aquela coesão como grupo. E depois deixámos de fazer aquelas atividades que nos uniam, que nos permitiam estar ali a cimentar as nossas relações e não tendo essa base tudo o resto começou a ser algo que nos começou a fragmentar cada vez mais, o peso foi demais para nós.” (Maria)

Adicionalmente, a **falta de uma estrutura física** foi referida como um dos principais factores para a não evolução da IT. Aliás, um dos facilitadores de uma das ITs aponta a falta de uma sede e a falta de pessoas como as maiores dificuldades no estabelecimento da IT.

“Falharam duas coisas essencialmente: não conseguimos arranjar pessoas e não conseguimos arranjar um espaço. A receptividade das pessoas locais às nossas ideias, não era muito grande, quer dizer não conseguimos criar aquele entusiasmo que as iniciativas de Transição criaram noutra sítio.” (Rui)

“E acho que um espaço é importante, tanto pela ligação que as pessoas acabam por ligar, é um ponto de referência (...). Mas acho importante haver espaços (...) por uma questão muito prática é muito útil ter um espaço, por referência para as outras pessoas também.” (Gabriela)

O **modo de funcionamento, de organização e coordenação** do próprio grupo foi outro dos aspetos referidos como uma barreira ao desenvolvimento das ITs.

“Nós estávamos a sentir esta necessidade de criar alguma organização e como não havia organização nenhuma, e o grupo quando começa a crescer depois torna-se difícil fazer a gestão.” (Nélio)

O **excesso de reuniões** foi também referido como um dos fatores responsáveis pela falta de produtividade e desenvolvimento do grupo.

“E nós acho que exagerámos nas reuniões. Uma reunião por semana é demasiado (...) foi demasiado. Mas a frustração maior é que depois era uma por semana e não se chegava a lado nenhum, não se fazia grande coisa.” (Norberto)

Adicionalmente, a **abertura (constante) do grupo a novos elementos** foi referida como uma característica das ITs, que dificulta o funcionamento e a funcionalidade das reuniões.

“É preciso um grande equilíbrio entre fazer reuniões produtivas, simplificadas (...). E o facto de sermos um grupo aberto, dificulta muito termos reuniões produtivas porque quando entra

alguém novo traz novos valores, traz novas visões, novas prioridades, traz novas formas de trabalhar, novos conflitos, e as pessoas tem que se ajustar, e este constante reajustamento dificulta muito o nosso processo de grupo.” (Tomás)

A questão da **liderança** foi também referida como uma barreira ao funcionamento das ITs. Foram vários os facilitadores a referir que a sua IT passou por dificuldades inerentes à centralização dos processos de decisão em um dos elementos. Em alguns casos, esta centralização do poder de decisão levou ao afastamento de outros elementos e, noutras situações, o afastamento do “líder” potenciou uma crise na IT.

“Sim, falámos, que devíamos descentrar, não devia ser sempre o Humberto a tomar (decisões), ter que estar presente sempre. (...) Esse é um fator muito importante, para que a associação se mantenha ativa. De maneira que, como era ele que tinha a maior disponibilidade, as ideias dele vingavam também um bocadinho por causa disso.” (Marisa)

“Mas aqui o grande problema foi que houve sempre uma grande dependência de uma pessoa, que era eu (...) e houve um período de tempo em que eu estive ausente...” (Duarte)

A **falta de tempo** para momentos de avaliação, bem como o **excesso de atividade**, foram dois dos principais aspetos referidos como responsáveis pelo abrandamento e/ou esgotamento de algumas ITs.

“E acho que cometemos todos os erros da maior parte das iniciativas de Transição (...) ou seja, arrancámos com toda a energia do foco...” (Tiago)

“Fizeram-se muitos eventos, houve uma altura em que todos os fins de semana távamos lá, (...) foi um bocado intenso demais. Era bastante difícil gerir a vida pessoal. Não soubemos gerir esta questão do querer ir rápido, e da do entusiasmo, foi demasiado entusiasmo.” (Ana)

A **gestão de conflitos grupais** e algumas **falhas de comunicação** entre os elementos foram também referidos como obstáculos à consolidação das ITs.

“Gerir conflitos e comunicar. Nós não fomos treinados para gerir os nossos conflitos com os outros, e também para comunicar. Mas se soubéssemos pelo menos gerir conflitos depois a comunicação seria ligeiramente mais fácil. Pronto acho que é isso, isso e a intensidade de trabalho e a falta de base.” (Ana)

Parte II - As Iniciativas de Transição sob o olhar das comunidades

Estudos de caso: Aldeia das Amoreiras Sustentável e Coimbra em Transição

Com o objetivo de compreender a perspetiva e o envolvimento de duas comunidades, foram selecionadas duas ITs (Aldeia das Amoreiras Sustentável e Coimbra em Transição), onde se realizou entrevistas e observação de algumas das atividades desenvolvidas pelas ITs. A dualidade rural/urbana bem como a visibilidade nacional de ambas as iniciativas orientaram a seleção destas iniciativas.

Em termos gerais, o projeto na Aldeia das Amoreiras surgiu em 2006, denominado de Centro de Convergência, com o objetivo de combater a desertificação no Alentejo. Numa fase posterior, em 2010, deu-se uma aproximação deste projeto ao Movimento de Transição. No período em se conduziu o trabalho de investigação na Aldeia das Amoreiras, a IT encontrava-se num processo de sistematização das experiências: desde a sua criação, à implementação, aos resultados, às metodologias, às ações e atividades desenvolvidas.

A **Aldeia das Amoreiras** é uma pequena aldeia situada no Alentejo, concelho de Odemira, composta por cerca de 150 habitantes, na sua maioria uma população reformada e idosa. A equipa do projeto COMPOLIS esteve na Aldeia durante duas semanas, em setembro de 2013, pelo que teve a oportunidade de imergir, ainda que temporariamente, nos contextos de socialização da comunidade local. Durante a estadia na aldeia foram várias as conversas informais com os habitantes, que se mostraram bastante disponíveis para conversar e partilhar as suas experiências e perceções. Para além disso, conduzimos 22 entrevistas semiestruturadas com 12 homens e 10 mulheres. Os entrevistados tinham idades compreendidas entre os 20 e os 90 anos, com uma maior incidência nas idades mais avançadas. De facto, a maior parte dos entrevistados eram reformados, e com baixos (ou sem) níveis de escolaridade. O recrutamento dos participantes foi feito progressivamente no decurso da nossa estadia na aldeia, sendo que o único critério definido era ter conhecimento da existência do projeto da IT na localidade.

Por sua vez, a IT em Coimbra, surgiu em 2011, inicialmente focada na implementação de uma horta no Jardim Botânico. O trabalho de campo em Coimbra foi conduzido numa fase em que a iniciativa estava a passar por um processo de reorganização e grande parte do seu investimento estava centrado numa horta na “Rua Direita” – um projeto inicialmente criado pela Câmara Municipal dedicado a intervenção com pessoas sem-abrigos.

Coimbra é considerada umas das principais cidades do país. Tem cerca de 143 mil habitantes e está localizada no centro de Portugal. O trabalho de campo foi realizado entre maio a julho de 2014, sendo que os elementos da equipa do COMPOLIS deslocaram-se várias vezes à cidade para participar

em atividades realizadas pela IT (ex: almoços comunitários, cursos de leites vegetais). Para além da observação participante e não participante, conduziu-se entrevistas a alguns habitantes participantes nas atividades da IT. No total, foram conduzidas 14 entrevistas semiestruturadas. A maior parte dos entrevistados apresentavam níveis de educação superiores (ex: licenciatura), e idades variáveis entre os 20 e os 50 anos de idade. Alguns dos entrevistados foram recrutados nas atividades promovidas pela IT, e outros foram sugeridos pelos facilitadores e/ou por entrevistados anteriores.

O guião utilizado em ambas as localidades foi inicialmente desenvolvido tendo em mente a IT Aldeia das Amoreiras Sustentável e posteriormente adaptado para o estudo de Coimbra em Transição. Em ambos os casos, quatro temas gerais orientaram as entrevistas conduzidas: perceções da iniciativa e seus objetivos; representações políticas; história do envolvimento individual e da comunidade (motivações, expectativas, subjetividade política e perceções de participação); e práticas de comunicação.

De seguida, apresentam-se alguns dados relacionados com o modo como a mensagem do Movimento de Transição foi recebida pelas comunidades onde se inserem as Iniciativas, nomeadamente em termos de perceção de objetivos e de avaliação das próprias metodologias. Para além disso, serão exploradas algumas dimensões relativas ao envolvimento da comunidade (experiências e perceções de barreiras), bem como o balanço que é feito sobre o próprio envolvimento e a presença da IT na comunidade. Para cada uma destas dimensões, apresentaremos os resultados de ambas as ITs estudadas.

1. Perceções gerais sobre as ITs

Com vista a compreender o modo como a mensagem da Transição tem sido recebida pelas comunidades envolventes, explorou-se o modo como alguns habitantes da Aldeia das Amoreiras e da IT de Coimbra percecionavam as ITs em termos da sua função, objetivos, estratégias e atividades.

1.1. Perceção sobre os objetivos

Aldeia das Amoreiras Sustentável

Ao longo da nossa estadia na Aldeia das Amoreiras, foi possível perceber que, de forma geral, a população da Aldeia das Amoreiras tem conhecimento da existência e da presença da IT. No entanto, o projeto não é reconhecido como parte do Movimento de Transição, havendo, inclusive, bastante desconhecimento sobre o que é a Transição, as alterações climáticas, e o pico do petróleo.

Da mesma forma, alguns locais revelaram desconhecimento e incompreensão dos objetivos e

finalidades da IT na localidade. De notar que esta incompreensão parece estar associada, em alguns casos, a uma descrença na capacidade da Iniciativa em de facto promover mudança, e por outro lado, na descrença face às próprias ideias defendidas pela IT.

“Acho que alguns objetivos eu ainda nunca percebi bem. Até esta altura, sinceramente alguns objetivos deles, algumas ideias deles que eu ainda não consegui meter bem dentro da cabeça.” (Cesár)

“Olhe se quer que lhe diga, ainda não percebi bem, falam da Aldeia Sustentável, mas não sei como é que isso vai ser possível, porque cada vez há menos pessoas a trabalharem na agricultura. E depois as pessoas estão cada vez mais idosas, e já não têm saúde para trabalhar no campo.” (Bebiana)

Não obstante este desconhecimento, foram vários os participantes que identificaram objetivos desta IT. No que diz respeito à agricultura, vários entrevistados referiram que a IT tem como objetivo **influenciar as práticas da agricultura local**. Este objetivo foi avaliado como desadequado e desapropriado, essencialmente porque os habitantes sentem-se já envolvidos em projetos pessoais de agricultura, e, de algum modo, com mais conhecimento na área da agricultura do que os facilitadores.

“Eu estou convencido que o Centro está aí para indicar qualquer coisa perante a agricultura (...) o que é que eles vêm aqui ensinar, ensinar batatas, cebolas ou coisas assim do género? Não, não. Eles que o têm é a cultura.” (Adelino)

Para outros habitantes, a IT tem essencialmente uma **função de apoio e intervenção social**. Aliás, este objetivo foi percecionado como adequado e de acordo com as necessidades da aldeia, e foram vários os habitantes que referiram que este seria o objetivo mais coerente com as competências e habilidades dos elementos que constituem a IT.

“Qualquer coisa que se sintam mal, é do mais (...) para socorrer as pessoas”. (Agostinho)

“Eu acho que eles têm uma certa função social de apoio.” (Domingas)

“Eu só percebi do assunto que eles vinham para cá para ajudarem, ajudarem, pessoas que fosse preciso, essas coisas. Nós ajudamos todos uns aos outros.” (Humberto)

Por último, os habitantes entrevistados salientaram que a IT pretende **promover o desenvolvimento da aldeia em termos culturais e sociais**, mostrando novas formas de pensar, viver e de estar. Este objetivo foi considerado como positivo por alguns dos habitantes. Por outro lado, foi também referida a existência de alguma resistência por alguns habitantes, que percecionam uma imposição de novas formas de estar e viver.

“Acho que é desenvolver um bocadinho também mais. Por exemplo certas pessoas por terem

sempre estado aqui, pensam de certa maneira e só pensam aquilo e acho que eles vieram tentar desenvolver as pessoas, para um caminho diferente, para maneiras diferentes (...), novas atividades, a conhecer novas coisas, novas maneiras de ser, de cidade, de outro lado, e ao mesmo tempo tentarem também sentirem integrados aqui, com as coisas que fazem, a maneira de fazerem.” (Iva)

“Tentaram-nos incentivar a praticar essa vida também (...) convidam-nos para uma festa, criada por eles, um evento, para nós irmos jantar todos e houve muita gente que foi.” (Cesár)

Coimbra em Transição

Os entrevistados de Coimbra demonstraram uma **melhor percepção sobre os objetivos da IT**, sendo que todos eles foram capazes de enumerar objetivos explícitos da IT. Adicionalmente, verificou-se uma maior associação da IT com o Movimento de Transição, bem como uma maior familiaridade com os conceitos de Transição, alterações climáticas e pico do petróleo. Vários objetivos foram identificados no decurso das entrevistas, muitos deles claramente congruentes com os próprios objetivos definidos pelos fundadores/facilitadores das IT (ver parte I do relatório).

Desde logo, a questão da **soberania alimentar** emergiu, enquadrada numa série de objetivos relacionados com a agricultura, a alimentação biológica, as hortas.

“Portanto, no que toca aqui à vertente de Coimbra aquilo que eu vejo como foco principal é a questão da alimentação, das hortas, da qualidade da alimentação e no fundo a questão da soberania, de tu poderes decidir aquilo que plantas e aquilo que comes e o acesso que tens e não estares dependente de um agro negócio.” (Abel)

A identificação com a necessidade de intervir a nível da **alimentação e da agricultura** foi uma dimensão referida como uma das razões principais para a participação nas atividades da IT. Ora, parece ser a identificação com a crença de que este tema é fulcral para o combate às crises atuais que potenciou o envolvimento de algum dos entrevistados.

“Para mim é a soberania alimentar que está à cabeça. A agricultura, para mim, não faz sentido se não for esse o objetivo. (...) A agricultura não só como uma atividade de produção de alimentos, mas como uma atividade que promove o bem-estar das pessoas e que promove o equilíbrio na sociedade, a luta contra a fome, a luta contra o desemprego.” (Rafael)

“Foi mais ou menos nas primeiras atividades que eles dinamizaram e não foi propriamente por ser de Transição, foi porque me interessaram as atividades. Era ali no Botânico, o objetivo era fazermos uma horta comunitária e aprendermos agricultura nas cidades. E isso interessou-me, foi a partir daí que eu depois conheci um bocadinho mais do que é que eram os objetivos.” (Dina)

Por outro lado, os habitantes entrevistados reconheceram o objetivo de contagiar a comunidade com ideias e formas de ser e estar mais alternativas. Há uma percepção de que a IT tem a

função (ou pelo menos a intenção) de **disseminar conhecimentos e estratégias** para que a cidade possa viver de forma mais sustentável, com base em recursos e produtos locais.

“O objetivo acho que é mostrar um pouco às pessoas (...) mudar mentalidades de que se pode poupar dinheiro, porque a nossa sociedade está muito habituada ao dinheiro e podem-se fazer muitas coisas sem ter dinheiro, além de ser saudável.” (Sancho)

“Acima de tudo é mostrar às pessoas que há coisas diferentes a acontecer, que se pode cultivar dentro da cidade, que se pode cultivar em casa, não é preciso ter uma quinta. Tentar despertar o interesse por assuntos relacionados com a alimentação, com o ambiente, com a biodiversidade, com a sustentabilidade e basicamente é tentar viver num mundo melhor.” (Telmo)

“No meu entender é um bocado dar conhecimento dessa situação de um desenvolvimento diferente do tradicional e de um tipo de vida, e de um tipo de atitude. Portanto, com prestações baixas em termos de exigências, mas com um sentido de vida bastante significativo e bom.” (Adolfo)

Por fim, os entrevistados percebem a IT como tendo o objetivo de **promover a integração social**. Esta percepção parece estar muito associada à fase em que se encontrava a IT - envolvida num projeto da área de ação social da Câmara Municipal de Coimbra, na Rua Direita, que visa a intervenção com a comunidade sem-abrigo local.

“Os objetivos são vários, integrar pessoas, pessoas que sofreram diversas contrariedades, fugir aos tais padrões da sociedade que nos são impostos por grandes empresas.” (Lucas)

1.2. Avaliação das estratégias de divulgação, dos métodos e das atividades

Aldeia das Amoreiras Sustentável

No que se refere às atividades, foi transversal a todas as entrevistas a enunciação de atividades e projetos que têm sido desenvolvidos pela IT na localidade, tais como: caiação, limpeza da aldeia, explicações a crianças, aulas para estrangeiros, serviço de enfermagem, ciclos de cinema, intercâmbios, “frescos”, festas na aldeia, e “sonhos da aldeia”. Além disso, alguns entrevistados atribuíram à IT a construção de um parque infantil na aldeia e consideraram os facilitadores intermediários entre o poder local/municipal e os interesses dos habitantes da Aldeia das Amoreiras.

Quanto às práticas de divulgação das atividades, vários habitantes salientaram uma perspetiva de que a IT tem utilizado métodos eficazes para divulgar as atividades e os projetos. Os entrevistados enfatizam a **divulgação boca-a-boca/passa-palavra** como uma estratégia eficaz, e também como a estratégia mais utilizada pela IT.

“De ouvir as pessoas dizerem, de coisinhas que eles deixavam no café, ou uns cartazes, ou mesmo eles quando me encontravam na rua diziam olha vai haver isto e isto...” (Iva)

Por outro lado, alguns dos participantes criticaram a utilização de **reuniões** para os processos de tomada de decisão, ainda que não consigam identificar que outros formatos seriam mais adequados.

“O método (...) eles falam muito, de reunir, de cada um dar a sua opinião e chegarem a um consenso, acho que é uma boa ideia. Mas as pessoas aqui não vão muito nisso.” (Ana)

Outro dos habitantes avaliou as atividades realizadas de forma positiva, considerando que é através das reuniões, dos momentos de convívio, e das discussões potenciadas pela IT que é possível trabalhar com a comunidade local.

“Eu percebi que eles faziam tudo isso ((reuniões, workshops, lanches, convívio com discussões)) e acho que fazem bem assim porque tem de ser tudo isso. Tem de ser reuniões, tem de ser lanches, tem de ser bailes.” (Octávio)

Foram também apontadas algumas críticas essencialmente relacionadas com o modo como as pessoas da IT se apresentaram na aldeia, e a forma como os **objetivos** das atividades são **comunicados à população**:

“Eles têm que fazer precisamente o exemplo (...) tem que haver mais comunicação com a população, conseguir conquistá-las pouco a pouco, penso eu que isso falta, falta e muito.” (Leonel)

“As pessoas mais novas talvez percebam, agora os mais velhos acham esquisito, as necessidades deles de terem um pote, depois é despejado, e tapado com a serradura.” (Cesár)

Da mesma forma, foi referida uma incompreensão dos métodos utilizados pela IT, nomeadamente em termos das práticas de agricultura.

“E nós aqui sempre nos habituámos a coisas diferentes, e eles vêm para cá tentarem implantar ideias deles aqui na nossa terra. E algumas pessoas, neste caso, pessoas mais idosas sempre trabalharam da mesma maneira, e às vezes implantar essas ideias, às vezes não...” (Cesár)

Coimbra em Transição

Os participantes de Coimbra demonstraram grande conhecimento das atividades desenvolvidas pela IT. Referiram vários cursos e *workshops*, sobretudo na área da agricultura e da alimentação. Da mesma forma, salientaram que consideram as formas de comunicação utilizadas adequadas. Os entrevistados referiram ter tido conhecimento das atividades nomeadamente através da **Internet** (*blog, emails, Facebook*), e acham que esta é uma boa forma de divulgação.

“A Internet como meio de informação é excelente e dá uma visão muito abrangente de muita coisa. Acho que é uma boa forma de comunicar, acho que é para manter e para desenvolver.” (Adolfo)

“Eu acho que é a base, porque cartazes ou flyers também podia ser, mas já há tanta informação visual que acho que não ia acrescentar muito à nossa divulgação, acho é que temos que apostar na parte online (...) desde as mailing lists, passando pelo Facebook, pelo blog, acho que são mais do que suficientes para chegar ao maior número de pessoas possível.” (Telmo)

Por outro lado, alguns dos entrevistados mencionaram as **redes interpessoais** como uma boa forma de convidar pessoas a participarem nas atividades e na IT. Uma das entrevistadas enfatizou que ela própria fez esse trabalho de disseminar a IT junto dos seus contactos pessoais.

“Eu levei para a horta do Botânico e para os projetos do Botânico várias pessoas. Eu acho que isto depois também tem a ver um bocado sobre como é que funcionam as cidades. Coimbra funciona muito no boca-a-boca e no traz um amigo.” (Jacinta)

Outros habitantes entrevistados consideraram que o tipo de divulgação feita não é suficiente para disseminar a IT e promover uma maior participação da comunidade local. Foi sugerido um maior investimento em termos de comunicação e divulgação da IT, utilizando os **meios de comunicação social locais existentes** (diários, jornais, rádios).

“Acho que também há uma falta de comunicação, temos o Diário de Coimbra, temos o Despertar e nunca vi uma nota qualquer que seja do Coimbra em Transição, e eu acho que isso também faz falta.” (Sancho)

No mesmo sentido, outro dos participantes sugeriu a necessidade de que a IT atinja maior visibilidade.

“Podia ser uma intervenção mais visível (...) fazer um projeto mais abrangente, mais visível, mais extenso, em que podia ser até produção agrícola por exemplo para os sem-abrigo ou para a casa dos pobres, ou para essas instituições de IPSSs, coisas desse género. Podia haver aqui uma interligação que dava visibilidade, dava cultura ambiental, dava possibilidade de mostrar que há projetos que são viáveis sem grandes investimentos e sem grandes recursos.” (Adolfo)

2. Experiências de participação

Em ambas as localidades os entrevistados aludiram a experiências de participação, e referiram várias barreiras ao envolvimento comunitário.

Aldeia das Amoreiras Sustentável

Quase todos os habitantes entrevistados referiram ter conhecimento da IT local e mencionaram experiências de participação em pelo menos uma das atividades, tais como: o intercâmbio, a caiação, os jantares, os convívios, as festas, o mercado, palestras sobre permacultura, o projeto “Sonhos da Aldeia”. As experiências de participação foram descritas, de forma geral, pela positiva (embora por vezes de modo vago), mas como **experiências passadas e sem continuidade no presente**. Outros participantes referiram um **afastamento da IT**, devido a algumas divergências com a IT.

“Trabalho em conjunto sim, como essas atividades que já surgiu atrás, juntar não, e ainda hoje tenho muitos que pertencem à comissão, (...) “dizem que para o pé deles não, eles no canto deles, e a gente no nosso”. Podemos trabalhar em conjunto em algumas atividades, mas...” (Joel)

Quanto à participação da comunidade local, os entrevistados consideraram que as pessoas da aldeia participam **apenas esporadicamente** nas atividades da IT e sobretudo em atividades lúdicas (festas e convívios).

“Esporadicamente. É mais a Elisa e poucas mais.” (Leonel)

“Acho que daqui da aldeia não vejo assim grande envolvimento, sinceramente não vejo.”(Bebiana)

Alguns dos habitantes mencionaram atividades específicas em que houve mais participação da comunidade, tais como em festas e almoços, na caiação, no intercâmbio, e no mercado.

“Quando às vezes há almoços ou isso, as pessoas lá participam, caso contrário não vejo assim muita participação.” (Bebiana)

“Acho que a atividade que se pode dizer que foi mais vista e mais utilizada pela população foi mesmo o intercâmbio.”(Cesár)

Coimbra em Transição

Também em Coimbra, vários entrevistados descreveram a sua participação nas atividades organizadas pela IT como **pontual e esporádica**.

“Sim, participei, ajudei nos canteiros ali na horta, (...) vou-lhe dando as minhas opiniões em

relação a algumas coisas quando ela (facilitadora) me pergunta, quando ela acha que deve perguntar alguma coisa.” (Rafael)

No entanto, interessa referir algum **envolvimento mais constante e ativo** por parte de alguns dos membros. Um dos participantes, inclusivamente, passou a fazer parte do grupo de coordenação da IT, o que sugere uma identificação forte com os princípios e o trabalho desenvolvido pela IT.

“Já passei por várias fases no projeto. Quando era apenas participante, o prazer é o mesmo, porque são coisas que eu gosto, mas as dores de cabeça eram outras. Como participante participa-se e depois vai-se para casa, fazendo parte da associação é diferente.” (Telmo)

Da mesma forma, foi referido que quem participa nas atividades **já tem uma abertura e interesse nas questões trabalhadas pela IT**. Por exemplo, dois dos entrevistados referiram que o seu envolvimento emergiu porque a IT estava a funcionar no seu contexto de trabalho (Jardim Botânico), enquanto outros referiram experiências profissionais na área da agricultura e/ou da sustentabilidade ambiental.

“Decidi porque na minha vida sempre estive ligado à agricultura, sempre adorei a natureza e sempre respeitei a natureza o máximo que pude e entretanto fiz um curso de agricultura biológica que ainda mais me incentivou...” (Sancho)

“Já tinha motivação para participar. Fui eu própria, por iniciativa, que quis aprender agricultura biológica e procurei um lugar onde o pudesse fazer.” (Lucília)

Quanto ao **envolvimento da comunidade**, alguns dos participantes referiram que a **participação é pontual e esporádica**. Contudo, aludiram a uma grande adesão às atividades desenvolvidas pela IT, quando esta funcionava no Jardim Botânico.

“Pontualmente participa, não é uma participação em mancha, isto é, que se alargue de uma forma geral, é um acrescento de pontos e de pessoas que se conhecem e que têm uma certa mentalidade e uma certa abertura para participar, mas é uma pessoa aqui, outra acolá, um amigo do amigo que fala....” (Adolfo)

“Isto aqui está há pouco tempo, aliás, só agora é que estão a fazer as plantações e tudo, mas eles lá (Botânico) faziam várias coisas, desde cursos de agricultura vertical, a cursos de apicultura. (...). Lá era um sítio onde se juntavam muitas pessoas, uma coisa que não estou a ver aqui, mas lá era uma maravilha, juntavam-se 20/30 pessoas, estava sempre lá muita gente.” (Sancho)

2.1. Obstáculos e barreiras ao envolvimento comunitário

Aldeia das Amoreiras Sustentável

Desde logo, na IT da Aldeia das Amoreiras, a **idade avançada da população** foi referida como um obstáculo. Simultaneamente verificou-se uma **perceção de falta de agência política** associada à ideia de que as pessoas de idade já nada podem fazer de relevante para resolver os problemas da aldeia, em particular, e da sociedade em geral.

“As pessoas que estão aqui já é tudo pessoas de idade praticamente. Não têm coisa nenhuma para fazer essas coisas nem, para se juntar, fazer reuniões, (...) não ligam, deixam andar.” (Assunção)

“Ai, coitadas, isto é quase só velhos. Aí novos têm poucos. Isto é quase tudo gente velha.” (Dolores)

Por outro lado, a **baixa escolaridade** da população envelhecida foi também apontada como um factor inibidor da participação da comunidade, em atividades organizadas pela IT:

“Atão a gente nem sequer sabe ler (...) como é que um gajo há de falar com certa gente se nem sequer sabe ler as palavras.” (Adriano)

“Pois. Eu não sei ler e parte das coisas, não sei.” (Agostinho)

A **falta de união** e a **“falta de gente”** foram outros dos factores apontados pelos participantes. Na perspetiva dos entrevistados, esta falta de união é característica das localidades pequenas.

“Olhe uns estão melhores, outros estão (graiados). Uns convivem bem outros não convivem...” (Ismael)

“Não. Isso não. As pessoas não se unem, não é assim” (Martim)

Adicionalmente, a **localização da sede da IT** surgiu, de forma transversal, como uma barreira física à participação de alguns elementos da comunidade. Os entrevistados justificam a não deslocação à sede da IT em termos de limitações de locomoção e/ou doença.

“Às vezes fazem, eu também eu não posso ir, também sou doente, as vezes ando aí, uns dias melhores, uns dias piores.” (Martim)

“Aquilo agora está é para aqui e depois eu não posso andar.” (Agostinho)

Outros entrevistados mencionaram factores inibidores mais ligados às características culturais e à mentalidade das pessoas da aldeia, tais como uma **desconfiança generalizada** face a pessoas que vêm de fora. Por um lado, a falta de envolvimento comunitário foi analisada sob o ponto de vista da

comunidade, definida como é **reservada e desconfiada**. Por outro lado, alguns habitantes referiram que não estão habituadas aos métodos utilizados pela IT, e que as pessoas da aldeia não têm espírito reivindicativo e “não sabem aproveitar as oportunidades”.

“As pessoas na aldeia são muito reservadas, são pessoas que primeiro que confiem têm de ter provas disso, e depois são pessoas que não convivem muito bem com a questão (...) Conversas assim, e discriminam muito e ao fim e ao cabo a população não confia muito.” (Leonel)

“Mas é um bocadinho difícil, chegar às pessoas daqui.” (Iva)

Outros habitantes consideraram que as pessoas têm vários **estereótipos** face às pessoas envolvidas na IT, como por exemplo em relação ao vegetarianismo, que é opção de alguns facilitadores.

“E sou sincero, muitos não vêm as pessoas com bons olhos...” (Adelino)

Uma entrevistada argumentou que a dificuldade em motivar as pessoas para aderirem às atividades do Centro de Convergência, e principalmente os jovens, reside na dificuldade em romper com um estilo de vida normativo e confortável:

“Mas não é fácil hoje em dia convencer alguém de sair do conforto, de ter o banho quente, de ter eventualmente a loja, o jogo de computador, o automóvel. Esse conforto, é difícil tirá-lo...” (Adelaide)

Coimbra em Transição

Em Coimbra, a avaliação do envolvimento foi analisada sob a perspetiva do próprio participante que tem **falta de tempo**, nomeadamente devido a fortes exigências profissionais atuais. Já no que se refere à falta de envolvimento das outras pessoas foram vários os factores apresentados. Desde logo, foi referida uma **falta de abertura** das pessoas e **falta de recetividade da comunidade**, que dificulta a compreensão da mensagem da Transição.

“Há é pouca recetividade das pessoas para o receber, mas eu acho que a mensagem é bem pensada e as atividades estão bem definidas e o movimento está de pé. Só que há pouca recetividade do público.” (Lucília)

Da mesma forma, foram vários os entrevistados que aludiram a uma **falta de cultura participativa**, em Portugal, que obstaculiza o envolvimento das comunidades.

“E não quer dizer que eu seja assim muito expansiva, mas acho que as pessoas se contêm muito nos diferentes aspetos da vida, expressam-se pouco, participam pouco. Às vezes tem a ver com o tempo livre, com a atitude...” (Jacinta)

“Eu acho que quem deve resolver os problemas da localidade somos nós todos (...) E depois também temos outra coisa que também é cultural, que é fala-se muito, mas faz-se muito pouco. Porque mesmo quando se aponta o dedo ao Governo e tal, se formos a ver as pessoas fazem o mesmo ou pior. Portanto, a gente acusa o Governo mas também não participamos em nada para melhorar. (Sancho)

Tal como na Aldeia das Amoreiras, a falta de uma **estrutura física (sede) da IT**, foi considerada como uma forte barreira ao envolvimento da comunidade.

“E o facto de as pessoas saberem que nós tínhamos um espaço mais facilmente nos procuravam, porque agora para nos procurarem, ou têm o número de telefone ou vão à Rua Direita de vez em quando, mas também não estamos na Rua Direita todos os dias, portanto não é por aí. Acho que um espaço físico dava muito jeito...” (Telmo)

Da mesma forma, para um dos entrevistados, o facto da IT não ser a promotora principal do projeto na Rua Direita, foi considerado uma barreira ao envolvimento de alguns pessoas.

“É diferente, e lá era Coimbra em Transição só, e aqui é mais uma associação envolvida. E acho que é isso que está a afastar as pessoas, porque eu venho aqui três vezes por semana, pelo menos, e do grupo do Coimbra em Transição só aí vi três ou quatro pessoas, e são aquelas que mais ou menos se mantêm, porque o resto não tenho visto.” (Sancho)

Os **horários** em que as atividades são realizadas foram também referidos como um entrave à participação de algumas pessoas.

“Agora não consigo perceber porquê. Não sei se é pelo horário e pelo dia em que a oficina ocorre, que é ao domingo de manhã, o que pode ser um entrave para algumas pessoas (...) ou não há interesse por parte das pessoas, ou a divulgação é tardia e não é feita nos meios adequados (...) há uma série de fatores.” (Telmo)

3. Balanço sobre a iniciativa

À semelhança dos facilitadores, foram vários os habitantes entrevistados que fizeram um balanço reflexivo sobre o impacto da IT.

Aldeia das Amoreiras Sustentável

Vários habitantes enfatizaram melhorias na aldeia, com a presença do Centro de Convergência (e da IT) na localidade. Desde logo, o contributo das pessoas da IT para o **aumento da população** foi analisado como algo positivo. Esta é, aliás, uma preocupação geral na aldeia e por isso é tida como algo globalmente positivo e com impactos concretos na composição da aldeia.

“Para a pouca população, porque eles são muitos. Mas é verdade, havia muito poucas crianças na escola e agora com eles cá há mais.” (Igor)

A **divulgação da aldeia no exterior** foi outro aspecto mencionado como muito positivo. Várias pessoas atribuem à IT uma maior visibilidade da aldeia no exterior. A utilização dos meios de comunicação - a televisão sobretudo - foi avaliada como algo positivo e muito relevante para a aldeia. Diretamente relacionado com este crescente reconhecimento da aldeia no exterior, o **aumento do comércio local** foi também apontado como um contributo bastante positivo.

“Especialmente o comércio, quem beneficiou mais foi o comércio (...) vende-se mais um cafezinho, vêm outras pessoas mais, veio a SIC e tudo mais...” (Adelino)

“Sim, porque a essa entrevista, essa reportagem, houve bastantes visitantes a virem porque tinham ouvido na televisão.” (Igor)

Algumas **mudanças em termos da vida social** na aldeia e do próprio **aspecto “visual”** da aldeia foram também destacadas por alguns habitantes.

“Tem mais pessoal, a saírem para aqui e para ali, moveu, está muito (melhor).” (Edgar)

“A gente às vezes acha que eles que não fazem mas eles fazem certas coisas, são feitas aí às vezes mais é por causa do Centro (...). Olha aí das ruas, limpeza...” (Agostinho)

Para além disso, a **mudança de mentalidade** das pessoas foi considerada relevante e positiva.

“Mas acho que as pessoas, a mente das pessoas se calhar está um bocadinho diferente, se calhar já estão mais abertas a pessoas diferentes.” (Iva)

Por fim, o **suporte social** proporcionado pelo Centro de Convergência aos habitantes da aldeia, foi analisado como algo adequado às necessidades locais, e, por isso, avaliado de forma bastante positiva.

“Mas quando tenho falta de alguma coisa digo (...). Acho que é tudo muito bom porque por exemplo, eu tenho falta (..) tenho falta de qualquer coisa, eu digo (...) e a Ana vai lá.” (Berta)

Apesar da identificação de inúmeras mudanças, vários habitantes referiram que estas **mudanças são tendencialmente pequenas e pouco substanciais**.

“Assim diferente, diferente, diferente em si, eu não vejo assim uma diferença muito grande”. (Igor)

“Eles fazerem alguma coisa fazem de certeza. Que eu tenha visto grande mudança não posso dizer que eu tenha visto.” (Iva)

“É capaz de terem feito umas coisas. Que eu veja assim mudado qualquer coisa não vejo nada.” (Assunção)

A ausência de mudanças significativas foi justificada pela **difficuldade e a lentidão**, que é, característica de qualquer **processo de mudança social**.

“Não, não vejo alteração significativa mas também julgo que era impossível que isso acontecesse. Isto não é fácil, isto é difícil. Leva muito tempo.” (Octávio)

Coimbra em Transição

De forma geral, os entrevistados consideraram que IT tem tido um trabalho positivo e significativo junto da comunidade de Coimbra. Desde logo, o **conhecimento adquirido** nas atividades proporcionadas pela IT foi avaliado como extremamente útil para os participantes.

“Eu penso que muita gente deve ter utilizado, pelo menos as pessoas que visitaram, devem ter utilizado esse projeto dela para fins de ter algumas coisinhas em casa.” (Orlando)

Verificou-se também uma percepção geral de que a IT tem sido capaz de propagar-se aos poucos, promovendo uma **mudança de consciência** de forma gradual.

“Tenho noção que não é algo massificado, são pequenos grupos e é uma pequena comunidade, mas eu sinto e vejo à minha volta que é algo que se está a propagar.” (Margarida)

“Eu acho que neste momento é mais uma atividade de levantar questões e tomada de consciência, acho que ainda não chegou ao ponto de conseguir resolver, porque não tem meios para.” (Abel)

No entanto, também os habitantes entrevistados de Coimbra enfatizaram que os **processos de mudança social são lentos**, e que a mudança não é imediata.

“O número de pessoas que conhece o Coimbra em Transição é diminuto, há um caminho que se está a percorrer, isto são processos lentos. Há um conjunto de entraves que a própria sociedade faz e que na prática torna difícil que alguém desenvolva um determinado trabalho que é num sentido contrário ao que a sociedade tem seguido....” (Lucas)

Verificou-se uma percepção geral de que o impacto das ações da IT é ainda muito pequeno e reduzido. O estágio ainda inicial da IT foi referido pelos entrevistados como uma justificação para uma dificuldade em visualizarem grandes mudanças decorrentes da intervenção da IT.

“A nível de dimensão é pequeno, formalmente até tem menos tempo do que aquilo que existe. Eu diria que é um impacto relativamente reduzido...” (Abel)

Parte III – Reflexões finais e recomendações

Ao longo deste relatório foram analisados vários aspetos das ITs em Portugal, que permitem tirar algumas conclusões sobre o estado e o percurso do Movimento de Transição em Portugal. De forma geral, podemos concluir que o Movimento de Transição em Portugal tem passado por diversos desafios desde que começou a dar os primeiros passos, em 2010. Desde logo, foram várias as ITs que se confrontaram com momentos de estagnação e até, em alguns casos, de cessação de atividade. Algumas das ITs criadas em 2010 e 2011 não se encontram atualmente ativas, e outras encontram-se em processo de reestruturação e balanço. Por sua vez, nos últimos anos surgiram outras ITs que começaram a ganhar alguma visibilidade pela quantidade de atividades e projetos realizados (ex: Aveiro em Transição; São Luís em Transição; Famalicão em Transição, Covilhã em Transição; Lagos em Transição). Da mesma forma, algumas ITs têm dado origem a outros projetos coletivos e/ou individuais.

A um nível pessoal/individual foram várias as referências a aprendizagens decorrentes do envolvimento na IT desde uma maior flexibilidade e disponibilidade para a aprendizagem; maior consciência das realidades locais, e uma maior preparação para lidar com as frustrações e os insucessos inerentes ao trabalho com a comunidade. Da mesma forma, o envolvimento parece ter trazido uma maior sentido de agência sobre o contexto, e um maior sentido de pertença e comunidade.

De forma geral, as ITs foram descritas pelos facilitadores como flexíveis e dinâmicas em termos de princípios, valores, objetivos e ações. Contudo, um conjunto de princípios e valores emergiram de forma transversal: princípios da permacultura, da sustentabilidade, da inclusão, da igualdade, da dádiva. Para a grande maioria dos facilitadores, os princípios/valores que foram apresentados como inerentes às ITs, parecem refletir o estilo/modo de vida que os facilitadores pretendem ter. O mesmo parece aplicar-se a alguns dos habitantes de Coimbra, que demonstram grande identificação com os princípios referidos. Talvez por isso, a Transição Interior assume tanta centralidade nas ITs. Ao mesmo tempo, as ITs tendem a funcionar como “espaços” agregadores de pessoas e formas alternativas de viver em sociedade. Todos os facilitadores parecem partilhar uma perceção de que são agentes de mudança, e sobretudo que a mudança social começa em cada um deles. Esta vertente de experimentação e criação de alternativas sustentáveis parece estar presente em várias iniciativas, e claramente as crises atuais (ex: ambientais e sociais) estão no centro de atuação das ITs. A resiliência comunitária é vista como o caminho para o desenvolvimento de alternativas sustentáveis que permitam fazer face aos desafios atuais. Este aspeto parece explicar a centralidade da

dimensão “comunidade”, quer nas ITs em Portugal, quer no movimento internacional. A comunidade é definida em termos de localidade (ex: cidade, aldeia, bairro), mas não é claro o modo como os facilitadores e, os próprios habitantes, definem comunidade. A visão da comunidade enquanto localidade diz pouco sobre o modo como os vários grupos de pessoas existentes na comunidade são considerados. Definir comunidade exige ter em conta os interesses e perspetivas dos vários grupos, as políticas de classe existentes nos diferentes espaços, a existência de grupos minoritários e as questões de género, por exemplo. Da mesma forma, sensibilizar para as questões ambientais implicará muitas vezes incluir pessoas que não partilham das mesmas perspetivas e opiniões. Consideramos pertinente que as ITs prestem mais atenção às questões da diferença e dos desafios da inclusão.

Da mesma forma, as relações sociais e os mecanismos de poder existentes afetam a capacidade das pessoas em se envolverem nos espaços de participação de forma igualitária. Desde logo, é preciso analisar e compreender como é que as ITs podem trazer não só as instituições locais para a criação de alternativas sustentáveis para a comunidade, mas sobretudo grupos e movimentos – formais ou informais – já existentes na comunidade. Esta atitude de promoção de um trabalho não confrontativo com as instituições locais foi uma das estratégias referida por vários dos facilitadores; contudo, não é claro como é que as ITs têm procurado colaborar com os grupos informais existentes na comunidade. Também não é muitas vezes claro como (e se) a Transição pretende afirmar-se como alternativa a outros movimentos ambientais/de sustentabilidade, nem que propostas específicas de governança das questões colectivas apresenta. Esta não é uma questão exclusiva das ITs portuguesas mas atinente a todo o Movimento.

Quanto às atividades realizadas (ex: workshops, oficinas, cursos, ciclos de cinema, debates), estas devem ser enquadradas nas pressões culturais, sociais, económicas e políticas que conduzem a formas de estar, e de ser, não sustentáveis. Os ciclos de cinema e debate podem ter um grande potencial para promover discussão sobre as pressões sociais que reforçam estilos de vida não sustentáveis (ex: consumo desenfreado; poluição ambiental; más práticas de alimentação). Adicionalmente, o uso de metodologias participativas através da arte e de outros meios – aliás referidas por várias ITs – podem ser muito eficazes. Estas metodologias potenciam o desenvolvimento e a construção de processos de comunicação na comunidade que facilitam o seu envolvimento de uma forma que promove o empoderamento comunitário. De facto, projetos colaborativos e co-construídos de base, são fundamentais para fomentar o envolvimento local. Sugere-se também um reforço da comunicação com a comunidade na definição e planeamento dos projetos a desenvolver. Esta comunicação deverá passar por um maior conhecimento do local, quer

em termos da sua história, quer em termos dos processos e mecanismos de funcionamento da própria comunidade.

Por outro lado, reconhece-se a necessidade de uma maior “intrusão” dos facilitadores nas estruturas comunitárias já existentes, nomeadamente através do envolvimento com grupos locais já existentes. A questão da confiança foi considerada um aspeto como muito importante tanto por facilitadores como por habitantes, e o contacto com grupos mais informais, ativos na comunidade, pode ser particularmente importantes na construção de confiança.

De forma resumida, e ainda em relação ao envolvimento comunitário, sugere-se um olhar prévio sobre os lugares e os espaços já existentes, de modo a atender aos factores contextuais e às condições da comunidade local que acolhem um conjunto de particularidades e complexidades que irão condicionar o envolvimento local. O modo como se percebe a comunidade é também importante. É curiosa uma certa ambivalência na forma como se caracteriza a comunidade. Por um lado, é vista como agente do seu próprio desenvolvimento – como foi explícito na descrição dos objetivos – e por outro lado, é considerada como apática, sem predisposição para qualquer comprometimento. Também por este motivo, parece-nos importante uma exploração aprofundada da história e das características das comunidades locais de cada IT, bem como uma maior partilha de experiências entre as ITs sobre este aspeto.

Por outro lado, de modo a facilitar métodos de trabalho que levem ao maior envolvimento da comunidade, sugere-se uma maior atenção na combinação de vários formatos de tomada de decisão. Desde assembleias/reuniões mais globais e abertas, com temáticas específicas, em que se estende o convite a toda a comunidade, a outras reuniões mais centradas em grupos de trabalho prático (ou teórico). As temáticas a discutir deverão também ser sugeridas pela própria comunidade. Sugere-se também uma maior divulgação e disseminação por parte das ITs, utilizando os media locais, mas também os recursos e meios de comunicação informais ou localizados em espaços tradicionais de socialização das comunidades (cafés, salões de jogos, mercearias, etc.).

Quer os facilitadores, quer os habitantes entrevistados referiram que a inexistência de uma sede condiciona o envolvimento comunitário. A questão da estrutura física parece estar relacionada com a importância dada pelos participantes à identidade da própria IT. Simultaneamente, em ambas as ITs, as entrevistas com os habitantes identificam dois grandes momentos: antes e depois da mudança do local de funcionamento das ITs. No caso da Aldeia das Amoreiras Sustentável, a IT passou a funcionar em local mais afastado dos espaços de socialização comunitária (cafés), enquanto no caso do Coimbra em Transição o novo espaço do projeto passou a estar no centro da cidade.

No que se refere às comunidades participantes nos estudos de casos, é importante referir que estas têm particularidades que devem ser tidas em conta. Ora, os entrevistados de Coimbra eram tendencialmente jovens, com níveis elevados de instrução e com características urbanas. Por sua vez, a população da Aldeia das Amoreiras pertencia a uma faixa etária elevada, rural, e com pouca ou nenhuma escolaridade. O modo de recrutamento dos participantes também foi diferente nas duas localidades, o que pode explicar algumas das diferenças encontradas. No caso da Aldeia das Amoreiras os habitantes foram convidados por nós a dar entrevistas durante a nossa estadia na aldeia, e a seleção foi tendencialmente informal e aleatória. Em Coimbra, os participantes foram sobretudo indicados pelos facilitadores da IT com base na sua participação prévia em atividades da mesma, o que poderá explicar um maior nível de familiaridade com a IT.

Por fim interessa destacar, que este relatório não pretende representar a realidade da totalidade das ITs em Portugal, nem de todas as ITs existentes até 2013. Ainda assim, um número muito significativo de ITs participaram neste estudo, o que nos permite fazer uma análise bastante exaustiva do Movimento de Transição em Portugal. Sugere-se a realização de mais estudos que procurem compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas das ITs em Portugal, mas sobretudo o modo como as ITs estão a fomentar mudança social nas comunidades.

Anexo 1

Atividades desenvolvidas pelas Inicativas de Transição⁶

⁶ A tabela de atividades foi realizada com base nas entrevistas aos facilitadores, e também em dados recolhidos nos sites, blogs e Facebooks das ITs. Não pretende representar de forma quantitativa as atividades realizadas, apenas ilustrar a riqueza das atividades dinamizadas pelo Movimento de Transição em Portugal.

Iniciativa/ Tipo de atividade	Aldeia das Amoreiras Sustentável	Eco- comunidades da Planície	Braga em Transição	Cascais em Transição	Coimbra em Transição	TU-FCUL	Linda-a-Velha em Transição	Madeira em Transição	Paredes em Transição	Pombal em Transição	Portalegre em Transição	São Brás em Transição	Sintra em Transição	Telheiras em Transição	UM em Transição
Ciclos de cinema	V	V		V	V			V	V			V	V		V
Atividades dança/teatro	V						V					V	V		
Conferências/ conversas		V	V		V		V	V	V	V	V		V	V	
Cursos agricultura/ permacultura			V		V	V		V		V		V		V	V
Cursos Permacultura			V					V		V		V		V	
Voluntariado agrícola/ perma blitz			V					V							
Cursos Apicultura					V				V			V			
Hortas			V	V	V	V	V			V		V	V	V	V
Plantação em espaço público		V							V		V				
Troca de sementes		V		V											
Cursos de saberes tradicionais				V	V		V			V	V	V		V	
Atividades sobre construção	V														
Reuniões comunitárias	V				V										
Economia comunitária	V				V		V	V			V		V	V	
Ciclismo/desporto				V		V	V							V	
Investigação					V	V									
Comunicação/ divulgação da Transição					V	V					V			V	
Candidaturas a fundos e concursos	V			V		V								V	
Participação em encontros nacionais	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	V	?	V	V	
Festival/Ajudada		V									V				

Anexo 2

Lista de Parceiros⁷

⁷ Os dados que constam na tabela têm como base as entrevistas realizadas aos facilitadores e representam uma síntese dos parceiros que colaboram em projetos e atividades desenvolvidas pelas ITs.

Iniciativas	Tipo parceiros
Aldeia das Amoreiras Sustentável	Câmara Municipal Odemira, ESDIME, TAIPA, Escolas, Comissão social inter freguesias de Odemira
Eco comunidades da planície	Casa da cultura
Braga em Transição	Junta freguesia de São Vítor, jardim de infância das Enguardas
Cascais em Transição	Câmara Municipal de Cascais, juntas de freguesias, banco do tempo, Associação Apoiar
Coimbra em Transição	Câmara Municipal de Coimbra, Universidade de Coimbra (Observatório de Cidadania e Intervenção Social e Centro de Estudos Sociais), Salão Brasil, Junta de Freguesia de Ceira, Museu Cascais, Ateneu, ANIP
TU-FCUL	Universidade de Évora, Transição Universitária Portugal, Transition Research Network, Transition Network, Câmara Municipal de Cascais, Faculdade de Ciências, Associação de estudantes, Projeto universidade verde, Junta de Freguesia da Pontinha
Linda-a-Velha em Transição	Junta de Freguesia de Linda-a-Velha
Madeira em Transição	Câmara Municipal do Funchal, Junta de Freguesia de São Martinho
Paredes em Transição	Juntas de Freguesias de Castelões de Cepeda e Mouriz, Câmara Municipal de Paredes
Pombal em Transição	Associação Desenvolvimento Local
Portalegre em Transição	Câmara Municipal, Associação Ases do Pedal
São Brás em Transição	Câmara Municipal de São Brás, Grupo de teatro local, Associação In Loco
Sintra em Transição	---
Telheiras em Transição	Associação Residentes Telheiras, Câmara Municipal de Lisboa, várias Juntas de Freguesia
UM em Transição	Reitoria, Câmara Municipal de Braga, transição FCUL